



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA HELENA TAVARES DIAS

**ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS FESTEIROS DAS FESTAS
DE SANTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA VÃO GRANDE**

**CUIABÁ – MT
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA HELENA TAVARES DIAS

**ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS FESTEIROS DAS FESTAS
DE SANTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA VÃO GRANDE**

**CUIABÁ – MT
2017**

MARIA HELENA TAVARES DIAS

**ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS FESTEIROS DAS FESTAS
DE SANTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA VÃO GRANDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação na Área de Concentração Educação, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular.

Orientadora: Profa. Dra. Candida Soares da Costa

**CUIABÁ – MT
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

T231e DIAS, MARIA HELENA TAVARES.
ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS FESTEIROS DAS FESTAS DE
SANTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA VÃO GRANDE / MARIA HELENA
TAVARES DIAS. -- 2017
109 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Candida Soares da Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Educação quilombola. 2. Festas de Santo. 3. Narrativas. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : 3615-8431/3615-8429 - Email : secppge@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Entre memórias e narrativas dos festeiros e das festas de Santo do Território Quilombola Vão Grande"

AUTORA: Mestranda Maria Helena Tavares Dias

Dissertação defendida e aprovada em 18 de julho de 2017.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientadora	Doutora	Candida Soares da Costa
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	
Examinador Interno	Doutor	Sérgio Pereira dos Santos
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	
Examinador Externo	Doutor	Carlos Eduardo Moreira de Araújo
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA/UFU	
Examinadora Suplente	Doutora	Rosinete Maria dos Reis
Instituição:	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	

CUIABÁ, 18/07/2017.

AGRADECIMENTOS

A Deus que pelo bem colocou as pessoas certas em minha vida que me fizeram hoje ser quem sou.

A minha mãezinha que não esperou para me ver receber o título de mestre, mas sei que onde estiver vai estar sempre torcendo por nós.

Ao meu grande amor, que havia prometido envelhecer comigo, mas que partiu na frente, logo no primeiro ano de meu ingresso no Mestrado, mas que me deixou o maior tesouro que alguém possa ter e acumular, filhas e netas.

A minha professora que pacientemente viveu comigo meu luto, estudo, minha dor e minha vitória Professora Candida Soares da Costa, por quem há muitos anos já nutria admiração enorme.

A minha comunidade que proporcionou essa rica aprendizagem, na qual com certeza vivi dias, semanas, meses e anos maravilhosos com minha família.

Às Filhas, netas, irmão, irmã, sogra, cunhadas, cunhados, sobrinhas, sobrinhos, parentes. Que Deus abençoe todos vocês pelo amor, carinho e paciência que sempre tiveram comigo!

Minhas amigas (os), companheiras (os) de luta e colegas de trabalho feliz por tê-los em minha vida, muito agradecida pela riqueza de trabalhos juntos desenvolvidos.

Aos colegas da UFMT que delicadamente foram se incorporando a minha vida, foram com certeza a força que não me deixava voltar do portão todos os dias que a tristeza batia forte. Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), ao Coletivo Negro, a Pró Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE), ao Conselho de Políticas de Ações Afirmativas da UFMT, a Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso, ao Coletivo da Terra que me permitiu múltiplas vivências com os colegas do campo, aldeia e quilombo e aos estudantes e profissionais da Escola Estadual José Mariano Bento que ali estudam, atuam e onde me proporcionaram viver ricas experiências.

A Banca que carinhosamente apontaram alguns caminhos a seguir, meu muito obrigada.

À coordenação e secretaria da Pós-Graduação todo meu respeito e admiração.

LISTAS DE SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
CEFAPRO	Centro de Formação de Professores
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Quilombolas
CONAPIR	Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
DOEMT	Diário Oficial do Estado de Mato Grosso
EC	Emenda Constitucional
GPMSE	Grupo de Pesquisa Movimento Sociais e Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto de Colonização e Reforma Agrária
INTERMAT	Instituto de Terras de Mato Grosso
NEED	Núcleo de Educação e Diversidade
NEPRE	Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SEPPIR	Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

DIAS, Maria Helena Tavares. ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS FESTEIROS DAS FESTAS DE SANTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA VÃO GRANDE. 2017.f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto as dimensões educativas presentes nas festas de santo. A pesquisa foi realizada no Território Quilombola Vão Grande na Comunidade quilombola Morro Redondo no município de Barra do Bugres/MT, tendo como ponto central, a Festa realizada em honra a Nossa Senhora Aparecida. O estudo foi realizado a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, e para a coleta de dados, empregamos as entrevistas, o caderno de campo e a observação. Desse modo, buscamos analisar através da história oral e de vida dos festeiros, de que maneira essas dimensões se configuram no processo organizativo dessas festas e se repercutem na preservação da memória e das tradições culturais dessas comunidades para as novas gerações.

Palavras-Chaves: Educação quilombola; Festas de Santo; Narrativas.

DIAS, Maria Helena Tavares. AMONG MEMORIES AND NARRATIVES OF REVELERS OF THE HOLY FEASTS OF THE QUILOMBOLA TERRITORY OF VÃO GRANDE. 2017.f. Dissertation (Master in Education) - Institute of Education, Federal University of Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

ABSTRACT

This research has as object the educational dimensions present in the feasts of saints. The research took place in the Quilombola Territory of Vão Grande, in the Morro Redondo quilombola community, in Barra do Bugres / MT. The central investigation of this study was about the Feast held in honor of Our Lady Aparecida, which has been carried out from a qualitative methodological approach. For the data collection, interviews along with field book and the observation have been used as tools. In this way, we seek to analyze through the oral history and life of the party planners, in what way dimensions are configured in the organizational process of these parties and are reflected in the preservation of the memory and the cultural traditions of these communities for the new generations.

Keywords: Quilombola education; Saint Feasts; Narratives

LISTAS DE TABELAS

Tabela 01 – Dissertações e artigo sobre festas nas comunidades quilombolas em Mato Grosso.....	14
Tabela 02 – Participantes da pesquisa.....	22

LISTA FIGURAS

Figura 1 – Grupo Siriri Flor da Serra.....	13
Figura 2 – Sol se pondo no Território.....	30
Figura 3 – Mina de água salobra.....	43
Figura 4 – Capela Menino Jesus.....	44
Figura 5 – Fachada da Escola Estadual José M. Bento C. São José do Baixio.....	48
Figura 6 – Comunidade São José do Baixio.....	49
Figura 7 – Posto de saúde da C. São José do Baixio.....	50
Figura 8 – Escola da Camarinha desativada.....	51
Figura 9 – Igreja São Benedito.....	54
Figura 10 – Feitio de Rapadura.....	54
Figura 11 – Rio Jauquara C. São José do Baixio/Peixe Jaú.....	56
Figura 12 – Rio Jauquara.....	57
Figura 13 – Altar da festa de Santa Luzia.....	62
Figura 14 – Altar da Festa de Nossa Senhora da Aparecida.....	62
Figura 15 – Altar de São Benedito.....	63
Figura 16 – Altar de N. S. Aparecida.....	63
Figura 17 – Cururueiros da Festa de Nossa Senhora Aparecida 09/2016.....	64
Figura 18 – Procissão em honra a Nossa Senhora Aparecida.....	75
Figura 19 – Procissão em honra a Nossa Senhora Aparecida.....	76
Figura 20 – Santa levada a cabeça para pedir a proteção.....	78
Figura 21 – Socando o arroz para o bolo da festa em honra a Nossa S. Aparecida.....	80
Figura 22 – Toucinho para fritar para a festa em honra a Nossa S. Aparecida.....	82
Figura 23 – Mãe e filha fazendo farinha.....	84
Figura 24 – Cururueiros dando início a procissão.....	85
Figura 25 – Pilão com arroz para fazer o bolo da festando.....	86
Figura 26 – Tacuru fogão a lenha feito de casa de cupim.....	88
Figura 27 – Preparação da Bandeira.....	93
Figura 28 – Preparação do Altar.....	93

LISTA MAPAS

Mapa 01- Mapa do Estado Mato Grosso.....	34
Mapa 02- Mapa Complexo Quilombola Vão Grande.....	36
Mapa 03- Entrada do Complexo Vão Grande, próximo ao Distrito de Currupira.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CAMINHOS METODOLÓGICOS: INSTRUMENTOS, LÓCUS E SUJEITOS DE PESQUISA.....	16
1.1 Tipo de Estudo.....	17
1.2 A coleta de dados.....	19
1.3 Seleção dos participantes do estudo.....	21
1.4 Lócus da Pesquisa.....	23
2 COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA ATUALIDADE BRASILEIRA: O CASO DO COMPLEXO QUILOMBOLA VÃO GRANDE EM MATO GROSSO.....	34
2.1 Comunidade Morro Redondo.....	36
2.2 Comunidade São José do Baixio.....	42
2.3 Comunidade Camarinha.....	47
2.4 Comunidade Vaca Morta.....	50
2.5 Comunidade Retiro.....	52
2.6 O Rio Jauquara.....	53
2.7 A vida em e na comunidade.....	55
2.8 As festas de santo das comunidades quilombolas de Vão Grande.....	57
3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E SUAS DIMENSÕES CURRICULARES:UMDIREITO CONQUISTADO.....	63
4 FESTAS DE SANTO EM VÃO GRANDE E SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS...73	73
4.1 O trabalho coletivo da festa de santo em honra a Nossa Senhora Aparecida.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICES.....	98
ANEXOS.....	99

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se vincula à linha de pesquisa “Movimentos Sociais, Políticas e Educação Popular” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tem por objeto as dimensões educativas das festas de santo realizadas nas comunidades quilombolas Vão Grande, tendo, como ponto central, a Festa realizada em honra a Nossa Senhora Aparecida, na comunidade Morro Redondo. Desse modo, busco analisar de quais maneiras essas dimensões se configuram no processo organizativo dessas festas e se repercutem na preservação da memória e das tradições culturais dessas comunidades para as novas gerações.

O interesse pela festa foi se configurando no decorrer de minha vida: na riqueza de detalhes do cotidiano da vida em comunidade, no contexto familiar, nas festas de santo que me embriagavam de satisfação e prazer, no trabalho como professora em escolas quilombolas do território, nos conflitos vivenciados em seus diferentes aspectos, no movimento quilombola, no Coletivo da Terra, enfim, em meu cotidiano como parte disso tudo. A idealização da pesquisa, no entanto, decorreu do entendimento da existência de distanciamento entre a educação escolar e o contexto social quilombola. A inquietação por entender essa dinâmica de distanciamento e, ao mesmo tempo, as possibilidades de articulação entre o mundo educativo escolar e a educação quilombola foi sendo mais intensamente aguçado ao longo dos anos, à medida que eu me constituía professora, me apropriava das discussões sobre Educação Escolar Quilombola e percebia ausência de diálogo entre o fazer da escola e as práticas educativas cotidianas das comunidades.

Essa consciência me angustiava como ser humano e como professora, levando-me a problematizar sobre possibilidades de articulação entre educação escolar e educação informal desenvolvida nas comunidades, de modo a contribuir com a efetivação dos princípios e objetivos da Educação Escolar Quilombola, decorrente das lutas dos povos quilombolas.

Quando assumi a primeira sala da EJA na Escola José Mariano Bento em 2006 trouxe para a sala de aula elementos do currículo que se relacionavam com a cultura local e daí surgiu à ideia de formar um grupo que pudesse se apresentar na escola, na comunidade e fora do nosso território. Era o primeiro grupo de Siriri e Cururu do Território Vão Grande, batizado por nós de Flor da Serra. Fiz a sugestão do nome e a turma o acatou. Fazíamos os ensaios na escola e a cada 15 dias em uma comunidade. Os alunos que eram os moradores também eram os tocadores e capelões se sentiram revigorados com o grupo. Fazíamos pequenas cotas para lanches e em pouco tempo essa atividade se tornou parte do cotidiano no Território. Pareciam aqueles bailes

de matines nos finais de semana, tantas eram as pessoas que participavam e dançavam. Com o tempo, fomos melhorando, a Secretaria de Cultura do Município de Barra do Bugres na época doou para nosso grupo vários metros de tecidos de chita que as próprias mulheres da comunidade usaram para confeccionar as vestimentas.

Figura 1– Grupo de Siriri Flor da Serra



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Nesse mesmo período escrevi vários projetos e um deles foi aprovado pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (Seduc) com o recurso de quase R\$ 3.000 (três mil reais), o grupo gestor fez as compras dos tecidos para os vestidos das meninas e das roupas dos homens e desde então nossas (os) alunas (os) puderam se apresentar com roupas apropriadas nos eventos. Assim como tinha o grupo Flor da Serra, a professora Eva Lúcia Don Aquino que também trabalhou na escola em 2010 e 2011, formou outro com o nome de Magia da Cultura, formado pelos jovens estudantes da escola com o mesmo propósito de valorizar a cultura local, as manifestações religiosas os saberes e os fazeres dessa população além de atender às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Entendemos que a realização da pesquisa propicia contribuição à efetivação de políticas educacional e curricular de Educação Escolar Quilombola em todo Brasil, de modo que leve em conta os saberes constituídos nas comunidades, considerando, dentre outros princípios, o de que se fundamente, se informe e se alimente “dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país, conforme disposto no art. 1º da Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Além disso, pode contribuir com o debate sobre as comunidades quilombolas de todo Brasil, no que se refere à visibilidade dessa parcela da população, à produção de conhecimentos sobre

elas e com elas; ao estímulo de efetivação de políticas públicas que contribuam para a sua inclusão social em áreas donde, historicamente, tem sido excluída. Finalmente acreditamos que a pesquisa contribuirá na ampliação do debate sobre a desconstrução de imagens que ferem, matam, silenciam histórias e memórias quilombolas em benefício de outras, na construção da visibilidade dos fazeres dessa parcela da população, que tiveram e tem tido papel importante na luta pela afirmação identitária, pelo respeito às manifestações religiosas e culturais, posto que, apesar de as festas de santo nas comunidades se constituírem um dos fatores fundamentais para a manutenção da cultura e identidade da população quilombola, não tem tido o merecido reconhecimento pela educação formal destinada a essas comunidades.

Dessa forma, foram analisadas algumas dissertações e trabalhos já realizadas aqui no estado de Mato Grosso que fala especificamente sobre as festas de santo nas comunidades quilombolas, e o que percebemos, foi que mesmo tendo muitas comunidades reconhecidas, apenas 01 pesquisador se debruçou sobre essa temática. Os demais apenas passeiam nas festas, e isso representa uma enorme lacuna acadêmica, haja vista que essas manifestações culturais e religiosas são elementos que compõe a identidade quilombola.

Tabela 1 – Artigo e dissertações sobre festas nas comunidades quilombolas em Mato Grosso

Autor	Título	Ano	Observações
Antônio Eustáquio de Moura	Identidade étnica e festas quilombolas no estado de Mato Grosso	2010	Específico Artigo
Teresa Almeida Cruz	O processo de formação das comunidades quilombolas do Vale do Guaporé	2013	Fala sobre festas, mas não é o tema central da pesquisa.
Maria Fatima Roberto Machado	Diversidade sócio cultural em Mato Grosso	2008	Fala sobre festas, mas não é o tema central da pesquisa.
Maristela Mendes da Silva	Educação Escolar Quilombola Comunidades Quilombolas do Território Quilombola de Vão Grande, Barra Do Bugres-MT: Percepções e significados sobre a E.E José Mariano Bento.	2014	Fala sobre festas, mas não é o tema central da pesquisa.
Zizele Ferreira dos Santos	Situações Juvenis: Juventudes e Políticas Públicas no Quilombo Morrinho em Poconé/MT.	2016	Fala sobre festas, mas não é o tema central da pesquisa.

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora em 2016

Trazer esses dados se torna significativo, pois demonstra a escassez de produção acadêmica sobre essa organização social, política e cultural existente nas comunidades quilombolas de Mato Grosso, demonstrando justamente a importância que essa Dissertação tem para as comunidades quilombolas e para a academia.

No primeiro capítulo trago os aspectos metodologia adotada para a realização da pesquisa, na qual optamos pela história oral por ser a que melhor retrata a vida e as histórias desses homens e mulheres que por fé, devoção e tradição trazem consigo a tarefa de preservar os costumes locais. Para isso dialogo com Alberti (1984, 2004). Realizo a descrição dos instrumentos e técnicas utilizadas para obtenção das informações apresentadas.

No segundo capítulo, exponho uma visão panorâmica sobre comunidades quilombolas na atualidade, tendo por foco complexo quilombola Vão Grande. Recorro a Gomes (2006, 2015). Aqui são apresentados aspectos importantes sobre as comunidades que compõem o denominado pelos moradores Território Vão Grande, a vida em e na comunidade, bem como as festas de santo que são realizadas pelas comunidades quilombolas que compõem o complexo.

No terceiro capítulo, falo sobre Educação Quilombola enquanto Direito, conquistado a partir das lutas dos povos quilombolas pelo reconhecimento de seus saberes pela educação escolar. Trago seus marcos legais, seus objetivos, princípios e finalidade, buscando em Gohn (2006, 2014) Brandão (1981, 1983) fundamentos para discussão sobre a educação informal, explicitando como essa educação se configura no quilombo por meio das festas de santo.

No quarto capítulo apresento com base nos dados coletados. As dimensões educativas na preparação e realização da festa em honra a Nossa Senhora Aparecida, que se realiza na Comunidade Morro Redondo, destacando o processo como os moradores fazem a transmissão dos saberes aos mais jovens da preparação até o momento dos festejos da devoção. Nesse processo, dialoguei com Priore (1994), Moura (2012), e Gohn (2006). E busquei em alguns trabalhos que devido à relevância e seu objeto contribuíram também na realização da pesquisa, o primeiro foi uma pesquisa realizado na comunidade Morrinhos, por Zizele Ferreira dos Santos (2016), na qual analisou as situações juvenis em Morrinhos; o segundo foi a tese de doutorado de Osvaldo Martins de Oliveira (2005), que analisa “O projeto político do território negro de retiro e suas lutas pela titulação das terras”, no Espírito Santo, assim como o trabalho de Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho (2016) que descreve a Educação Escolar Quilombola em minha comunidade o Território Quilombola Vão Grande, “Educação Escolar Quilombola na comunidade Baixio – Barra do Bugres/MT: avanços e desafios”.

1.CAMINHOS METODOLÓGICOS: INSTRUMENTOS, LÓCUS E SUJEITOS DE PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada na comunidade Quilombola Morro Redondo, que integra o Território Vão Grande, localizado no município de Barra do Bugres-MT. No que se refere ao aspecto metodológico, buscamos embasamento na história oral proposta por (Alberti, 2004).

Procuramos trazer da memória pulsante dos festeiros, narrativas que auxiliarão na reconstrução das manifestações religiosas, sua importância e relevância para a comunidade e para a academia. Quando os festeiros do território se tornaram sujeitos da pesquisa, procurei, por intermédio de suas narrativas, trazer a possibilidade de conhecimento sobre esse contexto sociocultural das festas de santo, bem como os significados simbólicos que as comunidades produzem no processo organizativo dessas festas que contribuem para a preservação e manutenção da cultura e da identidade local.

As histórias das vidas que aqui serão trazidas, das festas de santo, pontuando sua importância para as comunidades, poderão contribuir para a reconfiguração da identidade local e para reviver, através da memória, fatos que somente se tornam possível com as narrações desses sujeitos que trazem consigo um pouco de sua vida e da vida de muitas pessoas que contribuem para a existência da história contada e não escrita.

Alberti (2004) alerta que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participam, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2004, p. 32).

Por essa razão houve todo um cuidado na escolha desses sujeitos, desses festeiros que detém dos saberes dessas organizações tão ricas de detalhes de histórias e memórias significativas para a vida nas comunidades e para a conservação e preservação da cultura local.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa. Algumas características básicas identificam os estudos denominados qualitativos. Godoy(1995) explica que:

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidos, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

E Minayo (2001) aponta que:

É necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações (MINAYO, 2001, p. 15).

Sujeitos esses que são os guardiões das práticas dos festejos religiosos das festas de santo, as pessoas que movidos pela fé e devoção fortalecem a identidade coletiva das comunidades quilombolas do território Vão Grande, pois todas as cinco comunidades partilham da mesma tradição religiosa, que são as festas de santo.

Minayo (2001) considera que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, dos aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001 p.22).

A pesquisa possibilita uma aproximação de todos os envolvidos no processo, de forma que enriquece a compreensão das narrativas contadas, os documentos analisados e do grupo social abrangido por ela.

1.1 Tipo de Estudo

A história oral possibilita percepções mais profundas do contexto das festas protagonizadas no interior das comunidades: da oralidade nos momentos da preparação e transferência dos saberes e fazeres da festa; da importância de se apertar nos pequenos espaços para ouvir e dar as respostas das ladainhas tiradas pelos capelões; dos pequenos gestos quase que imperceptíveis produzidos pelos (as) mais velhos, como se fossem códigos que somente eles entendem e que misteriosamente fazem parte do ritual da procissão.

Durante anos, essas manifestações têm tentado cumprir com seu papel de preservação dos costumes dessas comunidades, mesmo que, para a comunidade e seus festeiros, esse processo pareça natural do cotidiano, tendo em vista que já fazem isso desde sempre. No entender de Alberti (2004):

A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos [...] Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou

ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados. (ALBERTI, 2004, p. 17).

No que se refere à história oral, consideramos pertinente o alerta de Thompson (1998) sobre a prática da narrativa.

[...] as histórias narradas pelos sujeitos, ao falar do passado, pode despertar memórias dolorosas que por sua vez, despertam sentimentos intensos que muito fortuitamente, podem afligir um informante. E continua dizendo que, se isso acontecer, demonstrar apoio generoso como se você fosse um amigo poderá contribuir com a entrevista (THOMPSON, 1998 p.172).

A opção teórico-metodológica se ancora ainda em Joutard (2000). Segundo ele a história oral é a voz daqueles que normalmente não a tem:

Os esquecidos, os excluídos ou retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os “derrotados” [...] e aponta que outros grupos, assim como as mulheres que já tiveram esse acesso, também tem a necessidade de serem ouvidos, os operários, camponês, emigrantes, deficientes, crianças (JOUTARD, 2000 p. 33).

E continuo com Joutard (2000) que segue conceituando que:

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “muito insignificantes” - é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. (JOUTARD, 2000, p.33-34).

São justamente essas vozes esses saberes dos fazeres das festas de santo que serão descritas nessa pesquisa, esse cotidiano coletivo, educativo e identitário ancestral, assentado na religiosidade católica das festas de santo nas comunidades, que serão trazidos e evidenciados na pesquisa.

Delgado (2003) refere ao ato de relembra como afloramento das lembranças de acontecimentos coletivos e individuais.

Os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças e reminiscências, que constituem o estofo do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional, nacional ou mesmo internacional (DELGADO, 2003 p. 19).

E completa Alberti (1989) entendendo que a história oral também é:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Entendemos, portanto, que a realização da pesquisa, considerando a história oral possibilita que as vozes da pesquisa possam ser ouvidas em outros espaços, inclusive além dos limites das comunidades e dos territórios.

1.2 A Coleta de Dados

Utilizamos a observação no campo da pesquisa na residência dos festeiros na semana que antecedia a festa de santo, pois, permitiu-me uma aproximação mais íntima com o processo de organização do grande evento. A observação proporcionou um contato com os sujeitos e protagonistas da procissão em honra a Nossa Senhora Aparecida, de forma mais detalhada.

A observação se associou também a outras técnicas, como: recurso fotográfico e audiovisual, entrevistas, análise documental, que tiveram como finalidade aproximar todos os dados da pesquisa desvendando as festas de santo e seus diversos significados.

As entrevistas foram se realizando no decorrer do mês de Setembro de 2016 mês em que a festa seria realizada, um a um fui dialogando e informando os objetivos da entrevista, indo até suas casas com a intenção de que fluísse bem a conversa e os mesmos ficassem mais seguros para falar a respeito das festas de santo nas comunidades e em suas vidas.

As entrevistas continham algumas perguntas que foram gerais para todos e após foram tomando rumos diferentes de acordo com o entrevistado e sua narrativa sobre sua vida com as festas de santo.

A organização coletiva da festa que inclui construções de barracões para abrigar a cozinha, barracão para serem armadas as redes onde as pessoas passarão as noites da festa, barracão para o baile que começa logo após a procissão, carregam também a responsabilidade coletiva de ensinar suas crianças e adolescentes a realizar as etapas e rituais da preparação da festa de santo, tendo em vista a seriedade com que realizam sua tradição religiosa.

As imagens captavam nas pessoas milhares de sentimentos que foram se misturando nos últimos dias que antecedia a festa: alegria, cansaço, prazer, dor, comoção enfim uma gama de sentimentos que foram se traduzindo em encontros com muita alegria, religiosidade, alimentos, devoção e conservação da tradição, da vida e da identidade.

Foram feitas gravações de áudio e transcrições com consentimento e autorização dos entrevistados. Também foram utilizadas diversas imagens fotográficas devido a força das imagens dos festeiros, dos ajudantes, dos familiares nas diversas etapas de preparação dos

festejos. Todos os participantes assinaram o Termo de Conhecimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As gravações de vídeo também fizeram parte da pesquisa. Foram gravados momentos da procissão, dos fazeres dos alimentos e dos vários momentos que envolviam a organização da festa. Após a pesquisa, os vídeos serão disponibilizados aos festeiros e à comunidade para que vejam o registro em vídeo das principais partes da organização da festa de santo em honra a Nossa Senhora Aparecida. Moura (2012) sobre as festas e seus significados descreve que:

Festas ratificam o modo de expressão da identidade do grupo e da sua luta desde os antepassados. Vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, conhecer histórias dos mais adultos, dançar e cantar músicas tradicionais (ou novas) lhes conferem traços comuns, sintetiza os elementos todos, depreende-se como se constrói e se define identidade étnica em comunidades negras rurais. Fundamenta-se a posse da terra e as modificações para conservar o patrimônio, agregam-se com supremacia as manifestações culturais de época, porque sinteticamente tem visão de mundo particular e cultura diferenciada, ordem interação entre as influências África, portuguesa e indígena em rituais religiosos, alimentos, na divisão do trabalho, no som dos tambores, nas letras das canções, no meneio dos corpos dançantes. Há um processo dinâmico de criação e recriação étnico-identitária ao que denominamos “cultura das festas” (MOURA, 2012, p.111-112).

É a continuidade da história nas ações que perpetuam uma identidade de um povo de uma crença de uma cultura. A observação desses processos também fez reviver a memória das histórias e memórias de meus pais, meu pai que também cururueiro na comunidade onde nasceu, comunidade chamada Fazendinha em Barão de Melgaço/MT e minha mãe que detinha dos saberes das benzeções como arca-caída, quebranto, e que também cresceram e viveram participando e praticando os rituais das manifestações religiosas parecidas e transmitidas a nós como algo simbólico carregados de valores na vida que tiveram em suas respectivas comunidades e família.

Fazer parte desses contextos das festas de santo nas comunidades do território Vão Grande, dessas manifestações religiosas e culturais fazem reviver meu imaginário das histórias contadas pelo meu pai, das várias memórias desse que aguçou meu gosto pelas lendas, mitos e contos de seu povo minha família, das diversas histórias contadas por ele e minha mãe desde a descida com mudança e tudo a barco do porto de Cuiabá até Barão de Melgaço em anos que foram perdidos na memória, pois muito jovem saiu de sua terra sua família e só retornando tempos depois já com sua própria família constituída.

Assim me identifico como fruto também de uma mesma identidade religiosa e cultural, porém não tendo a vivência das festas de santo na minha vida, tendo vivido somente nas histórias dos meus pais, que nesse momento sendo parte disso tudo nas comunidades do

território, com meu esposo e filhas, vieram a se aflorar com toda força o que me permitiu definir o significado desses festejos para os que realizam e conhecem as festas de santo.

1.3 Seleção dos Participantes do Estudo

Os sujeitos da pesquisa são os festeiros e moradores das comunidades, sendo 8 festeiros da festa de Nossa Sra. Aparecida e um festeiro de São Benedito. A escolha do festeiro de São Benedito se deu pelo fato de o mesmo ser um dos moradores mais experientes na organização e realização de festas de santos. Os instrumentos de coleta de dados, utilizados durante a pesquisa foram entrevistas, observação no campo, bem como registros fotográficos e audiovisuais dos períodos de preparação e de realização da festa.

Tabela 2 – Participantes da pesquisa

Festeiros	Idade	Comunidade	Festa
Osvaldo J. Bento	60 anos	Morro Redondo	Nossa S. Aparecida
Zenóbia X. Bento	58 anos	Morro Redondo	Nossa S. Aparecida
Camila B. da Silva	73 anos	Moro Redondo	Nossa S. Aparecida
Quintina de Campos	42 anos	Morro Redondo	Nossa S. Aparecida
Maria da G. de Lima	46 anos	Morro Redondo	Nossa S. Aparecida
Marli Maria Bento	23 anos	Morro Redondo	Nossa S. Aparecida
Rafael A. Bento	32 anos	São J. do Baixio	Nossa S. Aparecida
Zacarias da Gama	72 anos	Retiro	Nossa S. da Guia e São Gonçalo

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora (2017)¹

Os festeiros (as) são sujeitos que carregam em sua vida em comunidade a tarefa de promover há muitos anos as manifestações religiosas presentes nas comunidades, esta tarefa é considerada gratificante, visto que cada um deles (as) demonstram visivelmente prazer ao realizar os festejos que consideram uma devoção realizada pelos antigos e passada para eles até os dias de hoje e que agrega toda comunidade local.

Delgado (2003) faz essa referência sobre os tempos e suas representações coletivas no sentido de apontar que é um processo em eterno curso e permanente devir.

¹A maioria dos festeiros de Nossa Senhora Aparecida são, também, festeiros de festas realizadas em honra a outros Santos: Camila, São Benedito e Santana; Quintina, São Benedito e Corpus Christi; Maria da Glória, Menino Jesus; Rafael, São José.

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2003, p. 10).

Os sujeitos proporcionaram em suas narrações, esse contato com as festas realizadas no passado e presente, seu processo organizativo e todas as histórias e memórias que vão se acumulando com o fazer das festas de santo.

Como ato político, social e cultural que também é um processo de luta pela conservação da identidade local, os sujeitos narram seu cotidiano quanto as festas de santo como um grande feito, algo muito respeitado e valorizado pelos moradores das comunidades. A princípio havia pensado somente nas pessoas com mais experiência com a organização das festas, porém foi justamente nos momentos de observação que mudei meu pensamento quanto a isso.

A juventude quilombola das comunidades tem em cada uma delas jovens que vão se configurando como futuros festeiros, que realizam, descrevem e transmitem os significados dessas manifestações tão carregadas de significados para todos nas comunidades, e por conta disso, quando estive observando os primeiros dias da organização da festa, alguns foram se destacando quando a organização exigia atitudes que até então somente os mais velhos ou somente os pais é que tomavam, dessa forma, pude perceber que na festa em honra a Nossa Senhora Aparecida, a jovem Marli Maria Bento, por inúmeras vezes tomava as decisões sobre o que precisava ser feito, tanto junto a seus pais, quanto sozinha.

Marli Maria Bento, filha do senhor Osvaldo Bento e Zenóbia Bento faz parte de um grande número de jovens que já tomaram para si a responsabilidade de dar continuidade às promessas de seus pais, desde cedo ajuda nas mais variadas etapas e funções da organização da devoção. A jovem já é liderança na Comunidade e desde criança convive com as organizações das festas de santo em sua casa e nas comunidades, desde muito jovem lidera grupos de catequese na capela, assumindo funções de orientar as crianças da comunidade na religião dos moradores da comunidade, é acadêmica do curso de Química na Universidade Aberta do Brasil – (UAB) e funcionária da Escola Estadual José Mariano Bento onde assumiu também o compromisso de revitalizar o Siriri função que era minha até sair para o mestrado.

Porém os festeiros com mais experiência foram escolhidos pelas inúmeras vezes que realizaram esses festejos, pelas histórias de vida com e nas festas de santo no território, assim o senhor Osvaldo José Bento sua esposa Zenóbia Xavier Bento e o festeiro Zacarias da Gama, todos os anos fazem esse eterno compromisso de devoção aos santos escolhidos por eles.

Outras três entrevistadas são as senhoras Camila Bento da Silva de 73 anos e sua nora Quintina de Campos de 42 anos e Maria da Glória de Lima 46 anos moradoras da comunidade Morro Redondo que também são grandes conhecedoras das festas de santo.

Outro entrevistado é Rafael Arcanjo Bento nascido na comunidade e que também está assumindo as funções das festas de santo de seus pais que eram de seus avós, e que acredita que levarão para as futuras gerações, diz que participa mais dos momentos da procissão, mas que nesses últimos anos seu interesse pelas festas aumentou quando começou a construir peças do artesanato quilombola em miniaturas.

Rafael tem um grande talento que é reproduzir ao olhar, por exemplo, uma viola de cocho, pilão e vários outros objetos, provavelmente pelo contato direto com as organizações das festas de santo primeiro pelos seus avós, após pelos seus pais e nas famílias das comunidades, pode ter adquirido e internalizado as formas de fazer e organizar uma festa de santo, assim como os objetos que compõe a cultura local, é também bibliotecário da Escola Estadual José Mariano Bento, acadêmico do curso de Educação Física em Barra do Bugres e atualmente vice-presidente da Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade São José do Baixio, que tem como presidente o senhor Izaltino Enedino Ferreira, Rafael é considerado por muitas pessoas nas comunidades como uma liderança, principalmente pelos jovens.

E assim foi constituído o grupo de pessoas que fará com que a pesquisa ganhe sustentação para desvendar os significados dessas organizações tão ricas e que foram se configurando ao longo do tempo, percorrendo momentos históricos da vida de homens, mulheres, jovens e crianças que praticam e desfrutam dessas manifestações religiosas desde o nascimento até a sua morte.

1.4 Locús da Pesquisa

Chegar ao campo de pesquisa, naquele momento como observadora, era diferente, pois não imaginava que esses momentos seriam tão significativos, passar pelos caminhos que percorri por tantos anos e agora retornar como pesquisadora das festas de santo do território era algo desafiador.

Nada me era estranho, aprendi a reconhecer os caminhos que levam ao território de olhos fechados, tantas eram as vezes que percorremos os mesmos no único transporte coletivo da comunidade e que por muitas vezes chegava altas horas da madrugada, isso quando não amanhecíamos pelos atoleiros ou defeito no ônibus, época em que fazia faculdade e quando íamos a cidade realizar as compras do mês.

As condições para se chegar ao território continuam sendo difíceis, fiquei uma semana aguardando um transporte em Barra do Bugres para no dia 02 de setembro 2016 a noite chegar a comunidade Morro Redondo que é uma das cinco comunidades do território Vão Grande, passei por aquela que foi minha casa por muitos anos, não havia luzes acesas, vozes e nem latidos de cachorro, e não tinha como não perceber os contornos da casa, área, árvores devido a condição da lua naquele dia.

E antes de avistarmos a casa passamos pelo cemitério da comunidade e num gesto único eu, Lucimara e seu esposo Manoel fizemos o sinal da cruz habito nosso ao passar pelo local, mesmo que passemos mais de uma vez ao dia, a lua crescente refletia alguns túmulos e dentre eles a do meu esposo. Era muito importante fazer essa observação, pois foi através dele que hoje esse cotidiano está presente em minha vida, no meu trabalho, na militância.

E seguimos conversando até chegarmos à casa da professora Lucimara e de seu esposo Manoel moradores da comunidade Morro Redondo. Nessa primeira noite deitei para dormir já ansiosa para as entrevistas, e sempre relembrando a fala da minha orientadora sobre o tempo da Comunidade que era o meu tempo, e que não se parecia com o tempo da universidade, cheios de prazos, datas, burocracias, e com essa observação acordei em câmera lenta, relembrando com minha anfitriã os sonhos da noite anterior.

Era sábado dia 03 de Setembro 2016 e assim que tomamos o café, fui eu e a professora Lucimara em sua moto para a casa da festa, Lucimara é nora da entrevistada e comigo levei uma lembrança para a dona Zenóbia Xavier Bento uma pomba do Senhor Divino confeccionada em fuxico artesanato que faço há muitos anos e principalmente para fugir das pressões e dos problemas da vida, são meios que utilizo para amenizar a rotina atribulada.

Como isso é prática comum na comunidade à troca de presentes, como um peixe quando a pescaria é boa, um produto da roça, uma farinha quentinha acabada de ser torrada, um pedaço de carne de um gado que acabou de ser abatido, me senti também a vontade para realizar essa troca de presentes tão comum em nossas vidas no território. Bandeira (1988) sobre os significados dessas trocas de alimentos diz que:

O mecanismo constitutivo da estrutura de distribuição e consumo que mais dinamiza as prestações recíprocas de bens e subsistência tanto entre parentes, como entre “ricos” e “pobres”, compadres e comadres, amigos é o ritual da “visita”. A “visita” providencia um fluxo de bens essenciais, constituindo um mecanismo positivo de nivelamento. Quando a reserva de alimentos básicos de uma família atinge níveis críticos, ela faz “visitas” a parentes, comadres, amigos (BANDEIRA, 1988, p. 179).

Lembro muito bem quando eu meu esposo e nossas duas filhas chegamos à comunidade muitos parentes do meu esposo traziam para nós diferentes alimentos, e isso

somente diminuiu quando nós começamos a colher nossos próprios alimentos. São práticas realizadas pelas famílias e ainda conservadas, mas que não podia deixar de citar tendo em vista que se trata de práticas coletivas de sobrevivência e que por muitos anos veem sendo mantidas nas comunidades.

Sob esse aspecto Bandeira (1988) cita também que:

A “visita” de uma pessoa em dificuldades a uma casa representa o início de um ritual de coesão comunitária, mediatizado pela transferência de bens [...] Oportunamente, quando o “visitante” dispõe de meios, leva um presente a família que “visitou”, de modo geral constituído de alimentos que não integram a dieta básica cotidiana: ovos, frutos da mata ou do cerrado etc. Pode-se também estabelecer a reciprocidade através de prestações do “visitante” em outras ocasiões rituais e cerimoniais (doença, morte, festas), de trabalhos ligados ao preparo e distribuição de alimentos, a limpeza e arrumação do espaço, dos objetos de uso ritual e cerimonial, ou que retribuem para proporcionar conforto e bem-estar aos doentes e seus familiares (BANDEIRA, 1988, p.179).

Chegamos à casa da Dona Zenóbia Bento a festeira da festa de Nossa Senhora Aparecida estavam ela seu esposo o Senhor Osvaldo Bento, seu filho Jeferson, seu neto Davi e dois rapazes da Comunidade, estavam num momento de descontração ouvindo músicas, falei que estava ali naquele momento para fazer uma entrevista com os dois, que já estavam organizando a festa de Nossa Senhora Aparecida, pois já tinha alguns barracões construídos com piso de cimento.

Perguntei se queriam que eu deixasse para outro dia, pois estavam com a família ouvindo música, na qual todos disseram que não, eles iriam para outro lugar e desligaram o som, ouvir músicas ou notícias pelo rádio é hábito comum em todas as casas, antes quando não havia energia, isso há 10 anos atrás, ter um rádio a pilha era a forma de poder ouvir as notícias de cidade ou enviar um recado para algum familiar que morava na cidade. Era o único meio de comunicação que dispúnhamos.

Todos os que se encontravam na casa já me conheciam e tinham conhecimento do porque estava ali, eram pessoas que eu conhecia há mais de 10 anos e me senti tão confortável com a presença de todos assim como eles comigo. E nesse bate papo descobri que a dona Zenóbia, por exemplo, fazia a festa de Nossa Senhora Aparecida há muitos anos, mas não se considerava festeiros, festeiros para ela são os empregados que são assentados logo no desmanche do altar da festa, que acontece uma semana após a festa, seu esposo, também muito solícito, disse para que eu ficasse a vontade e que se fosse precisar dele também estaria disponível, agradei e falei que voltaria outras vezes, o que ocorreu praticamente todos os dias haja vista que todos os dias subsequentes uma atividade diferente era realizado para a concretização da festa de Nossa Senhora Aparecida.

Já realizado a primeira conversa com os moradores sobre minha aprovação no mestrado em Cuiabá seria minha rotina daquele momento em diante estar presente na comunidade em vários momentos até a chegada da festa alguns fizeram perguntas sobre o meu trabalho e como eu e minhas filhas estávamos agora.

Em conversa com o senhor José Ambrósio morador da comunidade Morro Redondo, que quis saber sobre a pesquisa perguntou se essa pesquisa é um projeto para arrecadação de dinheiro, pois, conta que fica preocupado com pessoas que aparecem na comunidade pegando dados deles para ganhar dinheiro em cima deles, que já é uma construção feita na militância, pois muitas comunidades acabam sendo vítimas de pessoas mal intencionadas. Como já havia decidido pelo meu objeto de pesquisa tentei explicar a razão de meu estudo ser sobre as festas de santo das comunidades e dos saberes presentes nos momentos da festa, parece-me que ficou satisfeito com a resposta. No dia 04 de Setembro de 2016 fomos à casa da Maria da Gloria de Lima. Como era domingo, cheguei logo na parte da manhã, porém já avisada que daria a entrevista no período da tarde. A entrevistada fez o almoço e nesse meio tempo conversamos sobre várias coisas, a escola da qual fora funcionária até o ano anterior, minha saída para cursar o mestrado, a vida em Comunidade, e como as coisas foram tomando seu curso depois que fui para Cuiabá e dos acontecimentos com minha família.

Era inevitável, mesmo que em nenhum momento mencionasse a morte precoce de meu esposo todas as conversas involuntariamente foram conduzidas para algum momento da nossa vida na comunidade.

Poderia facilmente cortar essas lembranças da pesquisa, das conversas, e entrevistas, mas como se fazemos parte desse todo, dessa memória, das memórias das festas, de acontecimentos marcantes, de situações que permearão a memória e lembranças das pessoas da comunidade e das minhas, não foi possível. E entre todas essas lembranças o almoço foi servido e continuamos a conversar, até chegar o momento da entrevista que também transcorreu de forma tranquila finalizando já no finalzinho da tarde.

Na segunda feira dia 05 de Setembro de 2016 já havia enviado recado que no período da tarde eu iria à casa de Dona Camila Bento e Quintina de Campos nora e sogra que também foram e ainda são grandes conhecedoras das festas de santo, tanto por realizar as festas como por ajudar na organização das festas. Nessa entrevista quem me acompanhou foi o filho da professora Lucimara o Max, e após isso ele mesmo se dispôs a me acompanhar em todos os lugares para concluir as entrevistas.

A casa da Dona Camila é de pau a pique muito bem feita, cortinas coloridas enfeitam as paredes de barro, prateleiras com panelas muito bem areadas cada uma em seu devido lugar,

separadas por cor e tamanho parecem enfeitar o ambiente, a água servida no copo de alumínio e filtro de barro dá a impressão de ter saído da geladeira. E em volta a tudo isso um córrego de água salobra muito límpido, que para chegar até sua casa precisa atravessar uma pinguela onde todos passam para chegar as duas casas da família e ao fundo se avista as duas peças de casa sendo uma a cozinha com seu fogão a lenha e outra que se transformou em sala e quarto de dormir.

No mesmo espaço um pouco distante seu filho fez morada com sua família, sua nora Quintina que também é minha entrevistada, também possui as mesmas duas peças de casa onde palha, barro, Eternit e madeiras são elementos que compõe essa construção, o cuidado com os objetos da casa também são minuciosos, o altar como sempre decorados e repletos de imagens de santos na qual a família tem devoção e ao lado uma foto amarelada pelo tempo de sua filha Helena já falecida, que recebeu seu nome em vista da minha visita com meu esposo, na época namorado, em sua casa em meados de 1993, na qual escolheu o meu segundo nome Helena, e ao lado as demais dependências muito bem cuidadas.

A entrevista com as duas uma das mais longas teve necessidade de retorno, a experiência das duas nas questões relacionadas às festas de santo são ricas e elucidativas, gostaria de um dia poder dar continuidade, pois as experiências de vida e as memórias de vida em comunidade são bem vivas e carregadas de detalhes nessas duas mulheres que guardam tanto conhecimento e saberes.

E no dia seguinte já no dia 06 de Setembro de 2016 acordei as 5:30 da manhã pois iria para a escola da comunidade São José do Baixio a escola José Mariano Bento, onde até o final da tarde entrevistei Marli Maria Bento e Rafael Arcanjo Bento ambos funcionários da escola.

No dia 07 de Setembro de 2016 eu e o Max acordamos bem cedo e partimos em direção a casa do senhor Zacarias que fica na comunidade Retiro, percorremos cerca de 12 km de moto, e desde a saída já com um frio na barriga pensando em como faríamos para atravessar a passarela recém construída pelos moradores com recurso da Prefeitura de Porto Estrela tendo em vista a queda da ponte pela última enchente. Bom nesse caso com muita dificuldade um morador da própria comunidade foi que atravessou a moto para outro lado através da passarela, mais difícil mesmo era me convencer que eu não iria cair dela, foi superação, não existe outra palavra para descrever a sensação naquele momento.

Concluída a travessia chegamos à casa do Senhor Zacarias, mas o mesmo se encontrava de cama, com muitas dores na coluna e se arrastando com muita dificuldade, eu mesma e sua esposa o convencemos a ir para o pronto socorro e já deixei marcado para outro dia a sua entrevista, deixando sua casa somente quando o mesmo entrou no carro que o levaria

até o pronto socorro em Barra do Bugres distante uns 85 km de onde estávamos. Só consegui fazer o retorno a sua casa no dia 13 de Setembro de 2016, pois esses dias estive presente na casa da festa fazendo as minhas observações quanto a preparação, chegava as 8:00 e só retorna a tardezinha, sendo dias de intensas observações e acontecimentos.

E novamente meu parceiro de estrada me acompanhou, mas antes passamos no cemitério da comunidade que fica bem próximo da casa na qual vivi por muitos anos, e que também é próximo do local onde meu esposo nasceu e foi sepultado, pois sua família também viveram nesse mesmo local quando sua mãe casou constituindo sua família, esse dia seria o 44^a aniversário do meu esposo e paramos a moto abrimos o portão e adentramos aquele lugar onde podia ser visto de casa dia e noite.

Eu e o Max acendemos uma vela sempre em silêncio cada qual envolto em seus próprios pensamentos, ventava e as folhas do “orvalho” (árvore) caíam anunciando que o inverno já estava partindo e em breve a estação das flores estaria chegando e florindo de todas as cores o território, e por causa dessa forte brisa não conseguíamos manter as velas acesas e foi só com muito custo que as chamas se acenderam e partimos.

Novamente agora mais segura fizemos a travessia da passarela e passamos uma ótima tarde com a família do senhor Zacarias, homem muito experiente com as festas de santo, relembrou festas de santo do tempo de seus avós, pais e dele mesmo quando começou a realizar a festa como devoção e para preservar a cultura de seus antepassados, de forma muito tranquila a entrevista foi sendo realizada até seu término no final da tarde, de volta a todo momento a câmera fotográfica na mão era acionada, nada passava despercebido por nós, as mulheres nas margens do rio lavando roupas e vasilhas, as crianças brincando nas águas límpidas do Jauquara, o sol brilhando já próximo das serras em seu último clarão de cores laranja avermelhado, a poeira tomando conta da estrada na passagem de algum carro ou moto de moradores que também estavam concluindo seu trabalho diário nesse dia.

Figura 2 – Sol se pondo no Território



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

E relembro todas as atividades nos últimos dias da concretização da festa, realizado a várias mãos, e conceituando que “muitas mãos fazem um trabalho leve”. Porém, muito mais que leve, são os significados embutidos nas ações coletivas desses fazeres, e que o me fez recordar da fala de um senhor da comunidade que detém dos conhecimentos de produzir engenhos de moer cana-de-açúcar, pilão, apás, peneiras e vários outros objetos da cultura quilombola, o senhor Elias de Campos diz que “esses trabalhos não se ensinam, se aprende” demonstrando que pode ser o ato de fazer sem a intencionalidade de ensinar, mas, que se tiver alguém por perto automaticamente observará e conseqüentemente aprendendo, demonstrando que seu fazer é sua metodologia de ensino, que é a forma como aprendeu e como transmite esses conhecimentos de pais para filhos e assim por diante.

Cheguei à casa da festa às 08h00min do dia 08 de Setembro de 2016 e as atividades para a preparação da festa já estavam a todo vapor, panelas enormes nos tacurus, bolos de arroz sendo fritos, água fervendo para limpar porcos e galinhas para fazer as prendas que são vendidas no dia da festa. Muitas mulheres já ajudavam na preparação da festa e a todo o momento fogos eram soltos para anunciar que a festa de Nossa Senhora Aparecida estava próxima.

O senhor Osvaldo confessou rapidamente e de forma tranquila, que carrega com ele a prática de realizar as festas de Santo herdadas dos seus pais. É devoto de Nossa Senhora Aparecida, pois acredita que foi através da devoção e organização da festa em homenagem a Santa que recebeu a graça de estar vivo. Faz uma referência às festas de hoje e as do tempo de seus pais e avós no sentido de serem iguais às do passado, porém ele fala que somente o tempo é que mudou, ele conta em conversa nos poucos momentos que não está fazendo algum trabalho para a realização da festa, que antigamente tudo era mais lento as festas demoravam mais, as plantações demoravam mais para produzir, as saídas da Comunidade demoravam mais para acontecer.

Pra mim é uma devoção que eu tenho desde ah isso vem desde meu pai né, assim depois peguei tomei conta por si, aí eu também peguei essa devoção, aí depois a minha fé na nossa senhora que, tenho certeza que já me valeu mesmo, e me vale né, nas horas que precisar, como aconteceu, esses negócios com nós aquela vez né? Que eu sobrevivi de novo, aí sim eu acreditei que só mesmo o poder de Deus e nossa senhora pode fazer isso pela gente, aí acabei de confirmar que não posso largar dessa devoção, não posso largar enquanto eu ainda estiver... Enquanto eu aguentar eu vou ver se cumpro essa promessa. Ficou até um tipo de promessa né que eu tenho que cumprir (Senhor Osvaldo J. Bento, 60 anos, Festeiro, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

O senhor Osvaldo Bento faz referência a um acontecimento da sua vida, do acidente ocorrido anos atrás, na qual várias pessoas das comunidades estavam em um caminhão indo para uma festa, esse caminhão veio a tombar vitimando duas pessoas e ferindo dezenas delas.

Nesse período ainda não me encontrava na comunidade, mesmo sabendo do ocorrido pelos familiares, isso só passou a fazer parte da minha memória devido a nossa vinda para a comunidade e ao estado de saúde do senhor Osvaldo que permaneceu impossibilitado de andar por muito tempo, as sequelas do acidente ainda se faziam presentes quando os conheci por isso o senhor Osvaldo não sentiu necessidade de explica-los a mim. Porém como é uma memória que pertence à comunidade e dificilmente alguém saberia pelo que o senhor Osvaldo passou em sua vida, faz-se necessário explicar rapidamente para situar o leitor de como a devoção praticada pelo senhor Osvaldo ganhou vários significados ao longo de sua vida, herdou a devoção de seus pais, após continuou realizando e crendo que se tornará uma promessa pela graça de ter sobrevivido ao acidente, enfatiza que tem a pretensão de realizar até quando puder os festejos em honra a Nossa Senhora Aparecida.

Tanto o senhor Osvaldo Bento como o senhor Zacarias da Gama fazem menção há esses tempos passados, mais precisamente dos seus pais, relatam sobre os significados e valores para os mesmos contando que a festa não se resumia em algumas semanas, as festas eram programações vinculadas ao cotidiano dos moradores, estavam ligadas a produção agrícola que seria utilizado nos festejos religiosos em devoção e agradecimentos. Segundo Moura (2012) sobre as comunidades negras rurais:

Reconhece-se facilmente o quilombola afastado da comunidade. A vivência do sagrado faz-lhe captar o pertencimento, vincula-o ao ser transcendente que é. Para ele, tudo é sagrado. Em comunidades negras rurais, via história oral, tradições classificam-se em inventada ou práticas, rituais ou simbólicas. Didatizam valores e normas por repetição, sequenciam o passado. (MOURA, 2012, p. 141/142).

Outro festeiro que também relembra o tempo de antigamente e o tempo de agora é o senhor Zacarias da Gama, narra sobre sua devoção e como recebeu de seus pais a herança das festas de santo. Ele fala de um tempo em que os moradores não tinham emprego formal e todos os moradores participavam das festas de santo desde a sua organização até o desmanche da

feira, que poderiam durar de 6 a 8 dias, relata que todos tinham sua propriedade e nelas roças e animais para o sustento e para trocas de produtos que não dispunham nas comunidades.

Antigamente tinha a festa de Leopoldino, era dono dessa área, tinha de Eugenio São Benedito tinha Lino São Bendito também tinha aqui no matador de mano Marcelino ai tinha madrinha Estevão São Miguel meu pai que era nossa senhora da conceição, só aqui agora para outro lado tinha outros. Todos ajudavam a organizar uns chegava adiantado três quatro dias outros chegavam à véspera da festa era desse jeito era muito bonito agora hoje que está assim bem cedo todo mundo já vai embora, mas também nesse tempo ninguém trabalhava de emprego pra ninguém trabalhava por conta, não tinha nada de emprego vinha e voltava hora que quisesse, ninguém estava nem ai todo mundo fazia trabalhar na roça agora hoje não, todo mundo tem seu emprego e se perder ele perdeu [...]. Porque noutro tempo não tinha isso, tudo comia e bebia do suor da pessoa não tinha ninguém empregado então ficou mais assim por conta disso de primeiro passava o dia ai noutro dia que a festa estava mais animada ai que ave Maria era dois três dias de festas não tinha nada ninguém estava preocupado com que estava se tinha serviço pra fazer se não tinha ninguém trabalhava tudo trabalhava por conta (Senhor Zacarias da Gama, 72, Festeiro, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

Moura (2012) continua sobre as festas e seus significados descrevendo que:

Festas ratificam o modo de expressão da identidade do grupo e da sua luta desde os antepassados. Vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, conhecer histórias dos mais adultos, dançar e cantar músicas tradicionais (ou novas) lhes conferem traços comuns, sintetiza os elementos todos, depreende-se como se constrói e se define identidade étnica em comunidades negras rurais. Fundamenta-se a posse da terra e as modificações para conservar o patrimônio, agregam-se com supremacia as manifestações culturais de época, porque sinteticamente tem visão de mundo particular e cultura diferenciada, ordem interação entre as influências África, portuguesa e indígena em rituais religiosos, alimentos, na divisão do trabalho, no som dos tambores, nas letras das canções, no meneio dos corpos dançantes. Há um processo dinâmico de criação e recriação étnico-identitária ao que denominamos “cultura das festas” (MOURA, 2012, p.111- 12).

Tentei compreender que ele relembra de um tempo onde essas modernidades ainda nem existiam aqui, e que antes para irem à cidade de Barra do Bugres, iam de carro de bois e dormiam na estrada, a viagem levava até uma semana. E mesmo assim não abandonavam as tradições, pois era parte deles nasceram vivenciando as festas de santo, os fazeres e os trabalhos que essas devoções representavam e representam em sua vida hoje.

Essas festas de Santo que os moradores relembram duravam até oito dias, pois não havia as urgências de hoje, não eram empregados, não havia contas para pagar. O cotidiano de vida na comunidade pelas narrativas era simples, porém com fartura de alimentos. As entrevistas transcorreram muito bem, algumas dificuldades no início, mas logo superados, a entrevista com a Maria da Gloria foi enriquecedora e trouxe também indícios de que nas festas e na sua organização os conhecimentos dos fazeres são transmitidos em todas as etapas desse processo. Moura (2012) que estudou festas quilombolas descreve que:

Nas festas, pode-se verificar atitudes rituais que valorizam as tradições da comunidade com o sentido de perpetua-las. Mesmo quando os mais jovens das comunidades, em busca de emprego e salário, permanecem em vínculo com ela, participam das festas maiores, desempenham seu papel habitualmente. É o sentido de pertencimento (MOURA, 2012, p.71).

E justamente esse sentimento de pertença é que torna a manifestação com poder de trazer de volta seus familiares que já não estão mais vivendo nas comunidades por alguma razão, e acabam também sendo movidos pelos calendários das festas das comunidades, se organizando mesmo vivendo em outros espaços para retornarem e viverem coletivamente essas organizações das festas de santo através das devoções.

Para Bandeira (1988) “O culto ou devoção aos santos de casa tem como foco associativo a família. Cada família tem seu santo de devoção, ou santo de casa. A devoção expressa em orações, cantos, tem como centro a ‘reza’ do santo” (BANDEIRA, 1988, p. 207). As famílias mantêm em suas casas sempre um belo altar decorado e vários maços de vela onde todas as noites acendem uma vela para seu santo de casa, ou santo de devoção. E Bandeira (1988) segue completando que:

A reza é uma festa que a família oferece ao santo, anualmente, na data ou dia a ele consagrado no calendário litúrgico. Essa data, embora preferencial, serve apenas como referência. A festa pode ser deslocada no calendário, em função da obtenção dos meios materiais necessários a sua realização. A festa de santo de casa consiste em reza solene, dirigida pela rezadeira, incluindo orações conjuntas e cantos, e em oferta de ‘obséquios’ (cigarros, bebida e comida) aos presentes, após a reza. (BANDEIRA, 1988, p. 207).

E todo esse processo de organização da festa nas comunidades é literalmente uma festa, muitos risos, sons, cheiros, sabores, cores e devoção muitos rostos conhecidos, uma rotatividade de ajudantes incrível, as pessoas se revezando na organização, tendo os que chegam pela manhã contribuí nas tarefas que tem para fazer e no final da tarde retornam para sua casa, as pessoas que vem de longe já chegam para ajudar na semana toda, para essas pessoas tem alimentos, pouso, diversão e muito trabalho. O som das lenhas sendo rachadas do fogo crepitando e das panelas sendo areadas, das crianças e suas brincadeiras correndo ao redor da casa naquela algazarra ensurdecadoras, em todos os lugares as pessoas organizando. Galinhas, porcos e gado sendo abatidos, tachos de água fervendo no fogão, fumaça de lenha e dos cozidos exalando pelo quintal.

E todos os dias dessa semana foram ricos e carregados de significados, uma quantidade considerável de jovens, dispostos e prontos para contribuir na organização das tarefas sempre estavam por ali sempre atentos e curiosos por muitas vezes os peguei pedindo ajuda de uma pessoa mais idosa para realizar determinada tarefa, os jovens estavam presentes em todas as

tarefas, queriam estar nesses momentos, se divertiam com as descobertas dos fazeres, alguns já eram experientes tanto como uma pessoa mais idosa, percebi prazer, divertimento, saber, obrigação, compromisso, aprender, devoção e fé.

No período da manhã esses jovens estavam na escola e já no período da tarde eles iam pouco a pouco chegando, procurando alguma coisa para realizar, ajudavam a cortar os alimentos, a socar o arroz, a varrer o quintal, junto com a responsável pela decoração do altar, iam recortando papéis coloridos de seda e como por mágica as figuras iam aparecendo nas mãos experientes das senhoras e logo em seguida nas mãos das adolescentes, colas, tesouras, papéis e barbantes num instante colore o altar, sentadas no chão de barro vão dando vida ao ambiente, com olhares ávidos os jovens captam os movimentos das mãos ao cortar e enfeitar o salão, tudo produzido coletivamente, numa demonstração clara que em poucos anos alguma adolescente ali sentada assumiria o lugar da sábia senhora que decora o ambiente das festas de santo. Para Gohn (2006) esses saberes são transmitidos por um coletivo que tem os mesmos gostos, assim:

A educação formal pressupõe ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. A não-formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. Por isso, a educação não-formal situa-se no campo da Pedagogia Social- aquela que trabalha com coletivos e se preocupa com os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados. (GOHN, 2006, p. 29).

E essa educação presente em todos os espaços do território são promovidas em todos os momentos assim como na organização da festa que inclui construção de barracões para abrigar a cozinha, barracão para serem armadas as redes onde as pessoas passarão as noites da festa, barracão para o baile que começa logo após a procissão, hasteamento dos mastros e Ladainha, barracão para a venda das bebidas de onde o festeiro consegue tirar algum lucro para cobrir as despesas da preparação da festa que foram vistas e revistas ao longo da pesquisa.

2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA ATUALIDADE BRASILEIRA: O CASO DO COMPLEXO QUILOMBOLA VÃO GRANDE EM MATO GROSSO



Mapa 01 Brasil/Mato Grosso.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Mato+Grosso/>. Acesso em: -23/02/2018

A luta pelo reconhecimento e valorização das comunidades remanescentes de quilombo no Brasil perpassa por diversas situações conflituosas e obscuras. As comunidades quilombolas que compõem o Território Vão Grande não se encontram isoladas desse contexto.

As comunidades quilombolas mantenedoras de sua cultura material e imaterial, foram ao longo dos anos se constituindo nas mais variadas denominações, o que foi redefinindo sua identidade e suas lutas inclusive em nosso território Vão Grande, onde o processo de reconhecimento da identidade quilombola já vem sendo realizado há alguns anos.

Santos (2010) destaca que:

A identificação das comunidades quilombolas não se restringe puramente às formadas antes da abolição. Deve-se considerar as comunidades organizadas no período pós-abolição. Esses negros que ficaram à mercê de toda má sorte, sofrendo todos os processos de discriminação e falta de políticas públicas que os integrassem a sociedade, articularam-se criando estratégias, no sentido de fortalecer a organização social formando novas comunidades” (SANTOS, 2010, p. 142).

As comunidades quilombolas do território Vão Grande são retratos dessas organizações citadas por Santos (2010), comunidades que se constituíram por populações totalmente desamparadas e a mercê de situações desumanas e conflituosas onde foram se articulando nas necessidades e reinventando diversas formas de resistência ante a falta de atendimento político e social.

Como são comunidades que estavam excluídas e invisíveis nas urgências de atendimento, durante anos foram esquecidos pelos órgãos de defesa, fazendo com que houvesse um distanciamento imenso das comunidades do território Vão Grande, quanto a sua

acessibilidade aos serviços sociais garantidos nas leis. Leis essas que raramente saiam do papel em relação às comunidades quilombolas existentes por todos os lados.

Leite (2000) conceitua as comunidades como organizações de lutas, assim:

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações⁹. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afro-descendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas. A partir da Constituição Federal promulgada em 1988, cujo artigo 68 das Disposições Transitórias prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos “remanescentes das comunidades dos quilombos”, o debate ganha o cenário político nacional. Por trás de algumas evidências, pistas e provas, surgem novos sujeitos, territórios, ações e políticas de reconhecimento (LEITE, 2000, p. 335).

Dessa forma com jeitos próprios de viver, elas permaneceram firmes no propósito de existir e manter as tradições de seus antigos familiares seja nas tradições das práticas agrícolas ou nas manifestações religiosas e culturais realizadas ou produzida nas comunidades do território.

A luta por garantias e reconhecimento pelos direitos nunca esteve adormecido nos moradores, pelo contrário, os embates e as conquistas foram galgadas em todo processo, por homens e mulheres protagonistas de lutas que não tem fim, por seus territórios, pelos seus costumes e seus direitos.

[...] a identidade cultural quilombola sobrevive na territorialidade. Por isso, no Decreto Federal n. 4.887-03, Art. 2, os critérios adotados para identificação das comunidades remanescentes são, portanto, “a autoafirmação, a relação histórica com uma determinada territorialidade, a ancestralidade negra, a trajetória histórica própria e a resistência à opressão sofrida” (SANTOS, 2010, p. 143).

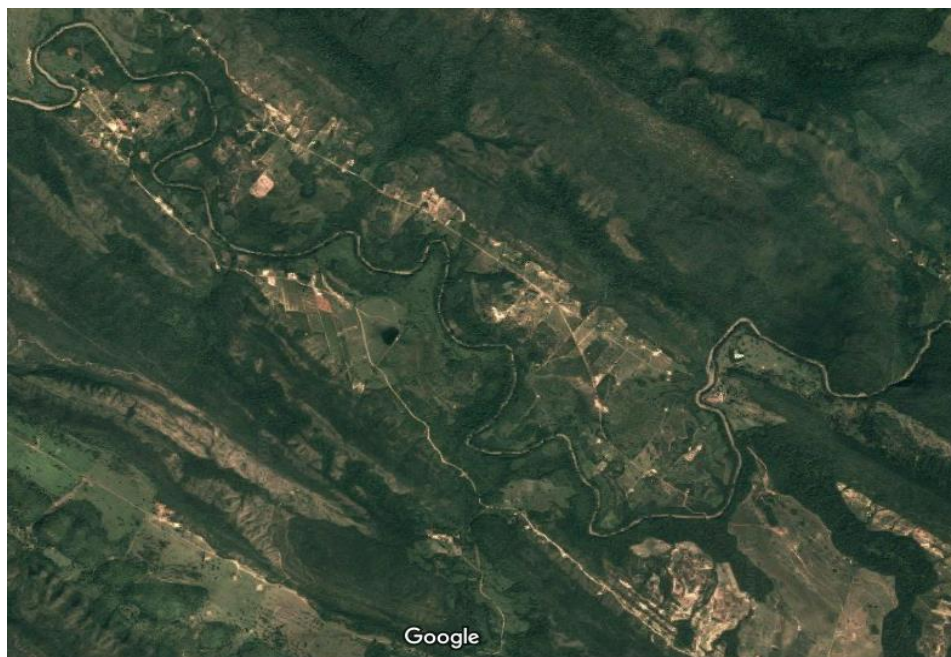
Assim as nossas histórias e as histórias de vida de homens e mulheres que vieram antes de nós, e que estão em constantes processos de transformações, de lutas intermináveis pela afirmação identitária, de esforços gigantescos para manter vivas as tradições, os costumes, os saberes dessa população em vários espaços e contextos de lutas, tem galgado e conquistado alguns avanços que mesmo não sendo o idealizado e de direito, após muitos anos de lutas, timidamente começam a dar mostras de reconhecimento.

Seja no reconhecimento e titulação das comunidades como comunidades remanescentes de quilombos pela Fundação Cultural Palmares, que foi também processo de lutas e reivindicações da população quilombola, seja pelas ações afirmativas que vem contemplando populações quilombolas, seja pelo Programa Brasil Quilombola do Governo Federal que possibilitou o cumprimento de várias ações em benefício das nossas comunidades

quilombolas, ou também pelas escolas localizadas nos territórios quilombolas que passaram a ter uma legislação própria que a reconheceu como escolas quilombolas com toda uma legislação específica garantindo-a assim como modalidade de ensino. Enfim, poderia citar muitos avanços, mas também poderia citar muitas mais injustiças que foram cometidas com a nossa população quilombola onde esses reflexos demonstraram invisibilidade da população quilombola em todos os espaços de empoderamento da sociedade.

O Território Quilombola Vão Grande está localizada a 74 km do Município de Barra do Bugres. Sua geografia montanhosa faz com que as comunidades estejam protegidas pelas altas serras das Araras. Com o rio Jauquara passando bem próximo das comunidades ora violento e hostil, ora calmo e silencioso, dependendo do seu volume de água, é considerado também um lugar de grande potencial turístico devido às várias cachoeiras, a sua fauna e flora.

Compõem-se, portanto, o complexo quilombola Vão Grande as comunidades Morro Redondo, São José do Baixio, Camarinha, Vaca Morta e Retiro, como demonstrado no mapa abaixo.



Mapa 02 Complexo Quilombola Vão Grande

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-15.2979175,-56.9701208,2852m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 20/02/2018.

2.1 Comunidade Morro Redondo

A comunidade Morro Redondo é uma das comunidades que compõe o Território Vão Grande. Com ancestralidade negra e muitos históricos de conflitos pela água e permanência na terra, está se localizada mais próximo da Serra das Araras, na região alta do território. A

comunidade foi reconhecida e certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2010, em 24 de Abril de 2010 e identificada sob nº 2.151 e pelo processo de nº 01420.001177/2007-20.

A comunidade vivencia conflitos socioambientais, como, por exemplo, os decorrentes da disputa por água e terras, vendo-se cercadas por pastos, gados, arames farpados que ultrapassam seus limites. Recorro a Acsehrad (2004), que elabora a noção de conflitos ambientais como sendo:

[...] os conflitos que envolvem grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais de apropriação ameaçada por impactos indesejáveis – transmitidos solo, água, ar ou sistemas vivos – decorrentes do exercício das práticas de outros grupos. (ACSELRAD, 2004, p. 21).

E um desses conflitos na comunidade é a disputa por um importante córrego chamado por nós moradores de “córrego grande”, de água salobra, que por muitos anos abasteceu a comunidade local. Com a chegada de fazendeiros no entorno da comunidade veio a se tornar o pivô dos conflitos nesse espaço. Em visita exploratória na comunidade, foi possível registrar no caderno de campo depoimento de moradores sobre conflitos vividos por eles na comunidade.

Um morador da comunidade relata que, quando criança, seus pais tinham grande cuidado com a cabeceira do córrego: não colocavam fogo, lixo nem desmatavam e aconselhavam os filhos e os vizinhos para não desmatar as beiradas do córrego. Recomendava que não vendessem as terras para fazendeiros que criavam gado. Argumenta que, alguns parentes não ouviram o que seu pai falava e pouco a pouco foram sendo empurrados e muitos expulsos, abandonando ou vendendo as terras. Segundo ele, os fazendeiros chegaram bem próximos do “córrego”, cercando com arame farpado uma das minas de água salobra e dizendo que a mina estava dentro do limite de sua fazenda.

Alega que em 2010, o fazendeiro gradeou a terra perto das minas, deixando escorrer muita terra sobre ela. Afirma que tentaram tirar toda terra, mas que, com as chuvas, quase que a água da mina deixou de correr por completo. Devido a isso, tentaram resolver o problema colocando tambor onde ainda saia um fiozinho de água. Ele relata ainda que, com isso, enfraqueceu o curso da água que cai no Rio Jauquara e que o fluxo da água da mina somente se restabeleceu em 2014, quando ela criou força, dando-lhe a esperança de que vai aguentar a seca. Ele conclui sua narrativa, agradecendo a Deus por isso.

Nessa mesma ocasião, uma moradora também recorda algumas partes de sua vida na comunidade, conta que desde muito cedo aprendeu com sua família o valor da água e como era conflituoso o acesso da água para sua família e toda comunidade. Segundo ela, na comunidade

Morro Redondo não existe água doce, só salobra e que ela se lembra de que, desde criança, sua família e seus parentes todos os dias indo buscar água doce para beber: as mulheres e as moças iam com as latas e tambor nas cabeças sobre uma “rodia de pano” para não doer à cabeça; algumas carregavam as latas de água sem deixar uma gota cair no chão e ainda traziam na cintura uma criança pequena. Lembra-se de que a água doce estava em terras de um fazendeiro que foi entrando comprando um pedaço aqui outro ali e pouco a pouco foi emendando suas terras, ficando com a única mina de água doce. Ela afirma que devido a isso, muitos moradores cansaram, deixaram suas terras e foram embora, pois queriam melhorias para eles e seus filhos; queriam escolas que fossem além do primário. Afirma que, ali, muitas crianças cresceram ficando adultas e envelheceram, buscando água em galões na cabeça. Segundo ela, na comunidade Morro Redondo, os homens nunca iam buscar água, só as mulheres mesmo. Segundo relato dessa moradora, somente em 2013 que a prefeitura do município de Barra do Bugres, juntamente com a comunidade que comprou os canos e doou a força de trabalho, encanou a água doce de uma mina que fica no pé da serra, até perto das casas de todos os moradores do Morro Redondo.

Por intermédio das narrativas, essas pessoas relembram os acontecimentos do passado e do presente e tem como elementos o espaço, os conflitos e os moradores. Halbwachs (1968) explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva.

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos, já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável (HALBWACHS, 1968, p.93).

A rememorar sua infância, adolescência e vida adulta, os moradores relembram os acontecimentos conflituosos vividos por sua família e pela comunidade para obter água doce para beber.

Para além dos conflitos por água a comunidade por anos vem sendo palco de inúmeras outras dificuldades e uma delas é a falta do título definitivo de suas terras visto que os moradores das comunidades Morro Redondo e Camarinha não as tem. A falta do título definitivo da terra impossibilita a aplicação de muitas benfeitorias e melhorias nas comunidades, enfraquecendo-as ainda mais.

A falta de uma política de governo atuante nas questões quilombolas que consigam identificar, diagnosticar, monitorar e desenvolver ações conjuntas com outros setores que nos dê garantias de permanência, de inclusão e reconhecimento dos nossos direitos em relação a terras dos ancestrais, poderiam minimizar os impactos causados pelo descaso e pelo abandono do poder público a essa população que por séculos vem mantendo a biodiversidade em harmonia, a cultura e religiosidade quilombola viva e as tradições culturais Mato-grossenses como identidade cultural de um povo. Segundo Acselrad (2004) quando fala sobre os conflitos por uma mesma base de recurso, que no caso da comunidade Morro Redondo vem ser a terra e água, ele diz que:

O conflito pode derivar da disputa por apropriação de uma mesma base de recursos ou de bases distintas mas interconectadas por interações ecossistêmicas mediadas pela atmosfera, pelo solo, pelas águas etc. Este conflito tem por arena unidades territoriais compartilhadas por um conjunto de atividades cujo “acordo simbiótico” é rompido em função da denúncia dos efeitos indesejáveis da atividade de um dos agentes sobre as condições materiais do exercício das práticas de outros agentes (ACSELRAD, 2004, p. 21).

Morro Redondo é uma comunidade tão antiga como as outras e como a comunidade Camarinha seus moradores tinham no passado pouca preocupação com documento da terra, e por longos anos permaneceram assim tranquilos sem ameaças de invasão de terra ou disputa por água, viviam em paz, plantando e colhendo seus alimentos onde desejavam, jamais faziam roça num mesmo lugar, todos os anos limpavam um determinado lugar e ali construíam sua tapera para passarem algum tempo até a colheita do alimento, assim que colhiam voltavam para sua casa, levando filhos, porcos e galinhas que serviriam de alimentos enquanto se esperava o tempo de colher.

Assim era vida em comunidade, e por muitas e muitas vezes ouvi os moradores contarem sobre como faziam suas roças e onde escolhiam os locais, onde todos diziam ser comum, querendo dizer que era de todos eles, faziam roçadas onde desejavam. Esses moradores todos os anos escolhiam um bom lugar para plantar e para lá iam com a família construir o local onde passariam alguns meses por ano. Era essa a rotina de produzir os alimentos de levar a vida, de morar, de viver e reviver suas tradições e devoções e de conviver coletivamente com os seus. Somente com a chegada de fazendeiros é que deram início aos pequenos desentendimentos que logo se transformou em grandes e rancorosos conflitos que em alguns casos culminaram em mortes, expulsão e perdas de ambas as partes.

E diante de tantos conflitos o que ainda permanece intacto na comunidade Morro Redondo ainda é esse pequeno espaço onde nasce esse importante córrego que por muitos anos foi objeto de cobiça e conflitos e ainda continua sendo já que as disputas entre fazendeiros e

moradores locais ainda deixam transparecer discórdia por causa de gados que adentram as roças dos moradores, gados que quebram os canos de água doce que conseguiram encanar para que chegasse até suas casas enfim a comunidade Morro Redondo tem muitas histórias de “guerras” pela terra e água que somente essa pesquisa seria incapaz de descrevê-las, difícil precisar com certeza todas as razões pela qual a comunidade Morro Redondo seja tão desassistida pelo poder público, mas de uma coisa é nítida o descaso para com as populações do campo é recorrente em todos os cantos do nosso Brasil, e o território Vão Grande com suas 05 comunidades fazem parte desse cenário de invisibilidade política e social.

Esse casal que tem cuidado dessa mina de água salobra e que muito tem a nos ensinar sobre conservação e preservação dos espaços deixados pelos seus ancestrais, com certeza o fazem pela consciência adquirida dos antigos moradores que já sentiam a necessidade de proteger a pequena mina de água salobra com suas gigantescas árvores para seus descendentes e todos os moradores dessa comunidade.

Esse local que é de propriedade do senhor Camilo Henrique de Lima e da sua esposa Maria da Glória de Lima, onde nasce a mina de água salobra formando pequenos lagos com plantas aquáticas, mas em pouco tempo atravessa a cerca e entra nas terras do fazendeiro, e a partir daí vai mudando sua paisagem, o pasto nesse espaço chega bem próximo do córrego, onde os gados descem sedentos para beberem água, matando toda vegetação que tenta crescer nas suas margens, as árvores já não são mais as mesmas, pois já ocorreram as queimadas e os desmatamentos, e descendo pela margem do córrego pode-se observar o contraste de um lugar para outro demonstrando como a interferência de um modo de vida que se sobrepõe em detrimento de outro.

Segundo Oliveira (2005) as memórias dessas situações conflituosas pela permanência na terra nada mais é que:

A memória dos conflitos refere-se às lutas em defesa da terra. Neste caso, o papel politicamente litigioso da memória está no fato dela suscitar lembranças que viabilizam contestações e lutas contra aqueles que historicamente têm expropriado as terras de *OsBenvindos*. Deste modo, a memória se expressa através de lembranças, pois é a partir dela que os integrantes do grupo retomam seu orgulho, sua auto-estima, seus feitos heróicos e conquistas. A memória é acionada, também, a partir de situações que envolvem as dimensões das relações simbólicas e afetivas com a terra e, ao mesmo tempo, torna-se um instrumento ideológico na configuração social e política do território. A memória apresenta-se através de um discurso político sobre o passado, fundamentando-se na realidade do presente (OLIVEIRA, 2005, p. 63, 65).

E essa comunidade vive e revive esses conflitos tanto através da memória como da realidade vivida por eles e por seus familiares no passado. Os relatos refletem os conflitos, que interferem diretamente na vida cotidiana dos moradores, assim como suas condições de

permanência na comunidade, assim como na luta pela preservação de seus costumes, tradições, religiosidade, modo de vida e produção agrícola.

Abaixo a pequena mina de água salobra protegida pela família do senhor Camilo Maciel já há algumas gerações, e que sempre tem sido o pivô de inúmeros conflitos na comunidade Morro Redondo.

Figura 3—Mina de água salobra C. Morro Redondo



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A comunidade Morro Redondo vivencia sua religiosidade nas festas de santo herdadas de suas famílias e dos antigos moradores. E em um pequeno espaço cedido por um morador com arrecadação das próprias famílias aos poucos foram construindo uma Capela que chamaram de “Menino Jesus” a utilizam para fazer as novenas, catequese, reuniões da associação e missa uma vez por mês com a presença do padre que vem de Barra do Bugres. Hoje ela já se encontra com as paredes erguidas, fruto de trabalho coletivo dos moradores da comunidade Morro Redondo.

Figura 4 - Capela Menino Jesus



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A associação de pequenos produtores rurais da comunidade Morro Redondo foi fundada em 22/01/2004, porém antes numa tarde de sábado todos os moradores reuniram-se na casa da moradora Valentina, homens, mulheres e jovens das comunidades e lá eu, sentada num tronco de árvore lendo as orientações sobre como fundar e organizar uma associação de moradores, documentos enviados pelo Sindicato de Pequenos Produtores Rurais de Barra do Bugres, onde passo a passo demonstrava como organizar, escolher seus representantes, seu regimento e estatuto, que poderia se basear em documentos de outras associações, só mudando algumas partes para que fosse o mais próximo da nossa realidade local. Assim em 22/01/2004 todos os presentes fizeram a escolha pelo presidente Nelson Edis Bento morador da própria comunidade já pai de família e com disponibilidade para procurar os benefícios para a nossa comunidade, dessa forma foi registrada essa importante associação onde coletivamente desse momento em diante iriam em busca de recursos para ter melhores condições de sobrevivência na comunidade, território e cidade.

Essa associação já com mais de 10 anos tem enfrentado muitos problemas, muito pouco mudou desde então, alguns moradores foram para a cidade em busca de estudos para seus filhos haja vista que o ensino médio e fundamental de 5ª a 8ª não havia nas comunidades, o que só começou em 2003 de 5ª a 8ª e 2009 o ensino médio.

Os incentivos por parte do governo raramente chegam as nossas comunidades, falta programas eficazes de incentivo ao pequeno agricultor, assistência técnica agrícola, menos burocracia para escoar e comercializar seus produtos, porém, mesmo nas condições mais adversas, as comunidades resistem e fazem roças e colhem uma grande quantidade de alimentos, que com certeza poderiam ser bem maior se houvesse parceria e comprometimento do governo com as populações quilombolas.

2.2 Comunidade São José do Baixio

Segundo registros dos moradores, o nome do lugar se deve a dois fatores: 1) de que dentre todas as comunidades aquela é a que ficava numa baixada, servindo o termo baixio de denominação à associação dos moradores: Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade São José do Baixio; 2) uma forma de homenagem a São José santo padroeiro da comunidade escolhido pelo morador e devoto o senhor José Mariano Bento, que realizava a festa de São José todos os anos. Em referência à denominação da comunidade, encontram-se as variações Baixio (como veio no documento da Fundação Palmares), assim como São José do Baixio e Baixius.

Quando o senhor José Mariano Bento veio a falecer, seus filhos assumiram a tradição da festa de São José que era de seus pais. José Mariano Bento também foi homenageado quando seu nome foi utilizado para a denominação da escola do território e que se situa nessa comunidade, assim ficou sendo denominada Escola Estadual José Mariano Bento.

Essa escola se localiza próxima ao posto de saúde que, mesmo que o prédio, aparentemente estando pronto, ainda não está em funcionamento.

Após vários levantamentos sobre a origem da comunidade iniciadas pela SEPIR em 2004, a Fundação Cultural Palmares certificou a comunidade Baixio com o processo de nº 01420.001.777/2005-26, no dia 12 de setembro de 2005.

Os meios de produção agrícolas das cinco comunidades são praticamente as mesmas. Plantam culturas de subsistência para consumo e o excedente é comercializado. A banana é a cultura mais presente nas roças, após vem mandioca, abóbora, milho, feijão, batatas, e alguns ainda plantam o arroz. Utilizam de técnicas que foram ensinadas pelos mais antigos, como armazenar sua produção de um ano para outro, adquiriram experiências e saberes sobre produção de alimentos variados, fazem uso dos calendários das próprias comunidades quando escolhem os melhores dias para roçar, plantar e colher os alimentos, cultura transmitida de geração a geração. Os mais experientes ainda fazem previsões de chuvas para o ano inteiro, onde conseguem prever se a colheita será boa ou não.

O trabalho na roça era dividido entre o esposo, esposa e filhos e por muitos anos as famílias mantiveram esses costumes. Hoje o que já conseguimos observar são os pais ainda mantendo esses costumes, porém poucos filhos acompanhando-os nos trabalhos com as roças, o que acaba por diminuir a produção agrícola outrora farta e variada, alguns jovens acabam preferindo sair das comunidades em busca do primeiro emprego formal, na maioria das vezes

abandonando também os estudos, que nas comunidades chegou bem mais tarde que em muitos outros lugares.

Porém, mesmo tendo diminuído a produção, seus moradores jamais cessaram de cultivar seus alimentos, de fazer sua pesca no rio Jauquara, de criar algumas cabeças de gado, produzir leite, galinhas, ovos e carne suína. Para as pessoas de fora a população desse território são grandes produtores de alimentos, somente os mais velhos que vivenciaram a vida em comunidade no passado relembram a fartura de alimentos por todos os cantos do território, plantações enormes e viçosas se faziam notar por todas as partes, muita abundância de alimentos agrícolas, peixes, gados, galinhas, porcos e carne de caça que naquela época havia em grande quantidade. Os moradores alegam que com o passar dos anos, com a chegada de fazendeiros que traziam junto com os gados brancos e venenos para mato que crescia nos pastos, muitas plantações de seus alimentos foram tendo dificuldades em produzir com boa qualidade. As sementes de “todo tempo” como são chamadas aqui foram se perdendo e poucos eram os que possuíam as sementes que eram passadas de geração a geração sempre pelos mais velhos das comunidades.

Acostumei-me as histórias da minha sogra Maria Zeferina Machado 73 anos nascida e criada na comunidade quando fui morar com meu esposo, ela relembra sua infância, juventude e vida adulta com toda sua família e após com seu esposo e filhos, e não tem como não acreditar nas inúmeras histórias contadas por ela, tendo em vista que em cada lugar, cada pedacinho de terra onde a mesma morou com sua família eu mesma constatei a veracidade tanto das pessoas que realmente existiam como dos lugares que a faziam rememorar sua vida em e na comunidade.

Assim como ela muitas mulheres guardam na memória muitas histórias de vida na comunidade, a rotina de vida e do trabalho, das festas e das rezas, das tristezas e alegrias, dos nascimentos e das mortes, das enfermidades, da saúde, das curas pelas plantas medicinais e mãos que benzem, das dificuldades em sobreviver pela falta de assistência governamental como falta de documentos pessoais, gêneros alimentícios e outros que não dispunham nas comunidades como: sal, querosene e ferramentas para agricultura, e por fim o que com certeza moveu todo esse território e não o deixou desaparecer o trabalho braçal de homens e mulheres que extraíam da terra uma enorme variedades de alimentos com muita abundância.

As mulheres são sem dúvida para a mim as heroínas, o trabalho na roça é tão cansativo que por muitas vezes eu mesma dei uma desculpa para não acompanhar meu esposo nos momentos que iria “descurvará” (limpar a roça) a roçada que seria a plantação de um bananal, o local escolhido é roçado, passado algum tempo o roçado seca e chega o momento de queimar

para limpar o espaço onde será plantada mudas de bananas da terra, ou mais específico mudas de banana pacova ou velhaca que é ótima para comercialização. Depois de toda queimada e de verificar se os aceiros estão bem feitos para o fogo não ultrapassar os limites da roça, chega o momento de retirar os galhos que não viraram cinzas, isso dependendo do tamanho da roça leva dias e dias, em nosso caso íamos meu esposo, eu e nossas filhas que ajudavam a remover os pequenos galhos, já planejávamos como estaria nossa roça com os primeiros pés de bananas e demais alimentos que poderiam ser plantados juntos naquele mesmo espaço como o milho, abóboras, melancias, melões, batata doce, cará, feijão. E só então foram feitas as covas onde seriam depositadas as mudas de banana, e novamente lá estávamos todos nós ajudando a plantar as mudas, as meninas iam jogando terra cobrindo e deixando para fora somente um broto. Dessa forma cultivamos nossa roça com quase mil e quinhentos pés de banana, e desde então os bananais foram só aumentando chegando a produzir por mês de 70 a 100 centos de bananas, o que parece ser muito, mas para quem vende para atravessadores a vida toda raramente recebe o que realmente vale, simplesmente pela falta de um programa de governo que viabilize os pequenos produtores comercializar sua produção diretamente com o consumidor ou com os supermercados onde os atravessadores entregam pela falta de condições financeiras dos quilombolas, que não possuem sequer um meio de transporte para fazer o escoamento dos alimentos produzidos pelos mesmos.

Quanto à diminuição das produções agrícolas posso citar também algumas pragas que resistentes hoje atingem nossas plantações fazendo diminuir a produção são elas as cigarrinhas que sugam as vagens dos feijões, das brocas que acometem os bananais ao ponto de tombarem em menos de um ano de produção e de boa parte dos alimentos produzidos nas comunidades além de agentes externos que outrora não havia nas comunidades, ou se existia eram em menor quantidade.

Essa comunidade tão importante na minha vida e de todos os moradores também teve como espaço uma das primeiras escolas municipais que atendia somente até a 4ª série, e foi por anos o espaço de formação de muitas crianças e após por anos nossa juventude viu ali fim de seus estudos, por insistência dos pais e alunos em 2002 deram início a sala da 5ª série isso foi até meados de 2009 quando por meio de nós, eu e as professoras Lucimara e Dinalva, que já estávamos prestes a concluir a faculdade de pedagogia buscamos a primeira sala de ensino médio que seria extensão da Escola Estadual Sabino Ferreira Maia localizada no Distrito de Currupira distante de nós 32 km, nesse mesmo ano buscamos a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso e por meio da Gerência de Diversidade foram feitas as solicitações para que a escola passasse para a rede Estadual.

Figura 5 - Fachada da Escola Estadual José M. Bento
comunidade São J. do Baixio



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A Escola Estadual José Mariano Bento, criada em fevereiro de 2010, pelo Decreto de nº 2378 de 22 de fevereiro de 2010. Embora em funcionamento, ainda não teve sua conclusão. Mantém sua construção paralisadas devido às investigações de desvio de verbas de licitações descobertas pela operação Rêmora da Polícia Federal.

O Gaeco deflagrou, na manhã desta terça-feira (3), a operação Rêmora, para combater fraudes em licitações e contratos administrativos de construções e reformas de escolas que teriam ocorrido na Secretaria de Educação de Mato Grosso. As irregularidades nos processos licitatórios teriam começado a ocorrer em outubro de 2015 e envolveram pelo menos 23 obras de reforma e construção de escolas públicas que totalizam mais de R\$ 56 milhões. (G1 MT, 03/05/16).

Dessa forma alunos, moradores e profissionais da unidade escolar continuam aguardando uma nova licitação para que possam concluir a construção da escola que teve seu início em 2010. Mesmo enfrentando todas essas dificuldades a escola na comunidade continua sendo um ponto de referência, onde foi sendo criado um espaço de socialização comunitária.

Figura 6 – Comunidade São José do Baixio



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Acima uma das casas tradicionais da comunidade São José do Baixio, a maioria já tem casa de alvenaria, que não impediu que os moradores construíssem nos fundos das casas uma cozinha feita de barro e palhas com fogão a lenha. Construções feitas por homens e mulheres que não dispunha de meios para outros tipos de construções retiravam da natureza aquilo que iriam precisar para construir sua casa e, às vezes, sozinhos ou na maioria das vezes por meio de mutirão levantavam sua moradia. A comunidade foi a primeira a se organizar em forma de associação e teve como seu primeiro presidente o senhor Maximiano Bispo Bento um dos filhos mais velhos do José Mariano Bento que vem ser filho de um dos primeiros habitantes dessa região. Hoje já com mais de 20 anos de associação, alguns avanços foram alcançados e dentre eles o que mais eu recorde foi o relato do senhor Maximiano Bispo Bento quando numa das aulas que eu ministrada na EJA, fala das dificuldades enfrentadas por ele e seu pai quando ainda era jovem e saíram em busca de benefícios e de uma escola para a comunidade, pois foi através do seu pai que veio a primeira escola na comunidade São José do Baixio.

As memórias desse senhor que tomou as responsabilidades do seu pai para si por melhores condições de vida demonstram que essa população teve tempos de muita paz, bem como momentos de muitos conflitos, ameaças de invasão, expulsão, de muitas humilhações e desamparo legal. O senhor Maximiano hoje viúvo e com 76 anos foi nosso aluno da EJA e em 2014 concluiu com sua esposa o ensino médio. Em todos esses anos de estudo e eu como professora da EJA, em alguns períodos, pude ouvir inúmeras história de vida de muitos homens e mulheres que ainda guardam na memória a vida na comunidade do passado.

Ainda por inaugurar o posto de saúde construído na comunidade vai se deteriorando aos poucos, enquanto aguarda a liberação das obras e aquisição do mobiliário para funcionamento do mesmo.

Figura 7 – Posto de saúde na C. São José do Baixo



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A realidade de muitas comunidades quilombolas em Mato Grosso vai se mostrando bem parecidas nas questões de atendimento pelo poder público, o que se configura em descaso, irresponsabilidade para com as nossas comunidades que vivenciam contextos parecidos, exclusão e omissão por parte dos órgãos que deveriam proteger e promover melhorias para todos independente da população e do espaço onde essas populações se encontram. Por muitos anos, tentamos nós mesmos das comunidades desconstruir a ideia de que os poucos atendimentos realizados pelo poder público, dos mais variados órgãos, não eram caridade e sim obrigação e direitos conquistados por lutas para que não fossem negados e sim de fato implementados em nossas comunidades quilombolas para que realmente saíssem do papel e se tornassem realidades nas comunidades.

2.3 Comunidade Camarinha

A comunidade Camarinha se encontra num pequeno vale de montanhas. As famílias se espremem num pequeno espaço de terra. De acordo com os dados da Fundação Cultural Palmares, a Comunidade Camarinha, com o código do IBGE nº 5101704, deu entrada ao processo nº 01420.001178/2007-74, em 11 de maio de 2007, solicitando da Fundação Cultural a certificação como comunidade remanescente de quilombo.

A região da comunidade Camarinha para mim é a mais bela. Esconde lugares de rara beleza. A comunidade ainda mantém o antigo prédio da escola que era extensão da escola da comunidade de Morro Redondo, onde trabalhei por dois anos e meio. Saí de lá, somente quando assumi a vaga de agente de saúde por meio de teste seletivo. Desde, então, como agente

comunitário de saúde, pude conhecer mais as famílias, pois as visitas me possibilitavam esse contato com todas as famílias das comunidades São José do Baixio, Morro Redondo e Camarinha. Somente quando os moradores da comunidade Retiro solicitou da prefeitura o atendimento dos serviços básicos de saúde é que passei a realizar as visitas em suas casas.

Figura 8 – Escola da Carminha desativada



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Atualmente, a estrutura onde funcionava a escola abriga, em uma parte, um morador da própria comunidade; em outra, é realizada missa uma vez por mês, com a ida do padre de Barra do Bugres. Os moradores também conservam a culturas das festas de santo e todo ano a família de Salustiano de Lima realiza a festa de santo de São Gonçalo, herdada de seus pais.

A escola da Camarinha foi desativa tendo em vista que os alunos seriam transportados para a escola da comunidade São José do Baixio que logo em seguida foi havendo a mudança de redes de ensino, transportando-os da comunidade Camarinha para a comunidade São José do Baixio, onde houve a mudança das redes de ensino de municipal para estadual.

Umas das coisas que não me sai da memória da Comunidade Camarinha além da experiência de lecionar na comunidade por quase três anos, é o fenômeno que acontece sempre no mês de setembro quando as inúmeras borboletas amarelas surgem na comunidade e fazem o trajeto pela estrada, passando sempre por minha casa, já fazia uns oito anos que havíamos percebido que esse fenômeno acontecia sempre depois das primeiras chuvas, e só para constar em uma das visitas exploratórias pude novamente ter contato com esse fenômeno tão belo e que já faz parte do território começando ali na comunidade Camarinha, quando setembro e chegava esse mês era o momento das estradas se colorirem de amarelo salpicadas de branco por uma

semana no máximo. Estava no ônibus escolar e na empolgação ao ver que o fenômeno estava acontecendo questionei uma aluna da comunidade Morro Redondo sobre esse fenômeno, quis saber se ela já havia notado algum dia, e na mais simples das respostas ela disse que sim que todo ano isso acontecia na comunidade. Infelizmente não pude registrar nenhuma foto desse fenômeno, por acreditar que nenhuma lente poderia captar a beleza dos voos representando uma dança, ou uma onda de borboletas que rapidamente iam ao encontro de sua morte.

A comunidade Camarinha é a que tem o menor número de população, com pouco espaço para o plantio, muitos dos homens só tiveram como solução serem empregados ou diaristas na fazenda que os cercam. Assim a pouca produção de alimentos que é somente para consumo dos mesmos raramente sobra para comercializar.

A Camarinha, provavelmente pela beleza, pela terra que, é uma das melhores, pela abundância da água, foi sendo a mais cobiçada pelos fazendeiros e, com isso, teve os primeiros moradores que perderem suas terras e suas moradias, muitos foram embora por falta de condições para se sustentarem já que não tinham mais a terra e nem o dinheiro da venda da terra e outros foram abandonando suas terras por falta de condições de sobrevivência.

Hoje os poucos descendentes dos antigos que ainda permanecem no local vivem em um pequeno espaço de terra, sem lugar para construir casas para os filhos que se casam e desejam ficar na própria comunidade, sem terra para plantar em grande quantidade para que os excedentes consigam vender para o sustento da família, sem possibilidade de negociar sua diária ou seu salário na fazenda, pois não existe outro meio de trabalho por perto.

Duas fazendas detêm as margens do rio Jauquara nessa comunidade e os moradores precisam pedir autorização para entrar, ou passar por um pequeno vão entre arames farpado, o que demonstra o quanto os antigos moradores tinham e o quanto perderam por não terem no passado órgãos de defesa, pessoas nas comunidades com conhecimento suficiente para não deixarem entrar fazendeiros que mais tarde os expulsariam de suas próprias terras. A comunidade, no ano em que estive lecionando na escola, até tentou abrir uma associação, escolheu, entre homens e mulheres, seus representantes, porém, nunca passou disso, não houve registro e acabaram por se juntar com a comunidade Morro Redondo, unindo forças para conseguir melhorias para ambas. O tempo para esses moradores demonstra que a luta é constante tanto pela sobrevivência, como para afirmação de uma cultura e identidade de uma população invisibilizada pela sociedade, mas que mantiveram suas tradições religiosas e culturais mesmo nas piores adversidades.

2.4 Comunidade Vaca Morta

A comunidade Vaca Morta como é conhecida por todos nós que vivemos no território. É a maior em número de pessoas, já está bem mais organizada em relação às comunidades Morro Redondo e Camarinha, que ainda não têm documento de posse e ainda vivem e constroem suas casas de barro e palhas. A comunidade Vaca Morta foi contemplada com um recurso do fundo para construção de casas e, de acordo com os dados da Fundação Cultural Palmares, foi certificada como uma comunidade remanescente de quilombo no dia 30 de setembro de 2005, por intermédio do processo nº 01420.001.808.2007-49.

Juntamente com a comunidade Retido, a comunidade Vaca Morta foi integrada pelo INCRA no projeto de assentamento Vão Grande (P.A.VG) com o registro de processo de nº 21540.004204/95-44, em 27/11/1995. Preservam costumes, valorizam suas manifestações religiosas e também realizam as festas de santo mantendo a cultura local.

A comunidade que pertence ao município de Porto Estrela, conta com a Escola Municipal Leopoldino José da Silva, que recebe crianças da 1ª a 4ª série. O professor ainda é da sede do município, pois a comunidade não conta com morador com nível de escolarização superior para assumir funções docentes na escola. Há uma única moradora cursando Pedagogia. A previsão de término do curso é o final do ano 2016. A comunidade não tem posto de saúde. Conta com um agente comunitário de saúde da própria comunidade que presta serviço de marcação de consultas e exames no município Porto Estrela para os moradores. Esse agente precisa atravessar a serra do Vãozinho, pegar o ônibus escolar que transporta os alunos até Porto Estrela, marcar consultas ou exames, aguardar o ônibus que retorna com os alunos às 17:00 e, só então, fazer o caminho de volta, descer a serra e andar mais uns 10 quilômetros até chegar em sua casa. Antes da existência do agente, todas as pessoas de Vaca Morta e Retiro: crianças, idosos, gestantes faziam isso para serem atendidos no posto de saúde de Porto Estrela. Recentemente, porém, a prefeitura disponibilizou um carro, através do qual um morador faz o transporte das pessoas, que já estiverem com atendimento marcado, de Vaca Morta até Porto Estrela ou Barra do Bugres, onde for necessário para o atendimento médico.

No que se refere à religião, os moradores da comunidade Vaca Morta são católicos, tendo São Benedito como padroeiro da comunidade. A igreja que também recebeu pelos moradores o nome de São Benedito foi construída pelos próprios moradores. Realizavam festas e torneios para arrecadação de recursos financeiros para a compra dos materiais.

A maioria dos moradores desenvolvem agriculturas de subsistência, fabricam farinha com a mandioca produzida e em alguns períodos do ano fabricam rapaduras de cana de açúcar,

período em que a plantação de cana está no ponto para ser cortada, como mostra na figura abaixo. Os moradores sobrevivem do suor de seu trabalho na roça, outros fazem diárias nas fazendas próximas da comunidade, porém todos cultivam algum produto agrícola para subsistência se a colheita for boa ainda conseguem lucrar com a venda do excedente.

Figura 9 –Igreja São Benedito



Figura 10 – Feitio da Rapadura



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Logo acima a igreja, local onde se reúnem constantemente para reuniões, catequese, missa mensal e realização da festa de São Benedito, assim como vários outros eventos, pois, até recentemente, a igreja e a escola eram os únicos pontos de referência para reuniões comunitárias.

Atualmente, já existe outro espaço construído também com recurso próprios dos moradores para o time de futebol da comunidade, aliás, uma das formas de lazer nas comunidades é o futebol. A comunidade é atendida pelo município de Porto Estrela, onde algumas vezes ao ano recebem a visita de algum órgão do município seja da secretaria de bem estar social como da secretaria de agricultura, secretaria de educação e outros, também são realizadas periodicamente visitas dos técnicos do Instituto Chico Mendes (ICMIBIO) para orientação e prevenção de queimadas e desmatamento das regiões.

2.5 Comunidade Retiro

Os moradores da comunidade Retiro carregam as mesmas características das outras comunidades: preservam as tradições herdadas de seus antepassados, cultivam produtos agrícolas para subsistência e o que sobra é transportada para Barra do Bugres para serem vendidos, conservam suas manifestações religiosas das festas de santo, onde todo ano são

protagonistas da organização da festa de Nossa Senhora da Guia, Santa Luzia, São Benedito e outros que compõe as bandeiras das festas. A comunidade Retiro faz parte da comunidade Vaca Morta e do Município de Porto Estrela. Mas, recentemente que adotou em definitivo o nome Retiro, fundando uma nova associação que se encontra em fase de registros e formação da sua diretoria e regimento.

A comunidade Retiro solicitou junto a prefeitura de Barra do Bugres que fossem atendidos pelo município, haja vista que o acesso ao município de Porto Estrela inviabiliza o atendimento aos seus munícipes pela distância e geografia montanhosa. Para ter acesso aos bens e serviços em Porto Estrela, os moradores precisam subir serras, pegar carona em um ônibus escolar que leva os alunos a sede do município para estudar e só então chegar ao município para obter atendimento. Barra do Bugres é mais acessível.

A comunidade conta com um ônibus que, periodicamente, faz o transporte dos moradores para a sede de Barra do Bugres onde conseguem fazer suas transações comerciais, compras, atendimento médico e tantos outros serviços, dessa forma os dois municípios se sentiram obrigados a fazer um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para garantia desse atendimento, onde se comprometem junto ao Ministério Público para compensação de algum danos causados ou para resolver algum problema que estão causando. Com esse ajustamento foi possível contratar também uma moradora da comunidade Retiro que faz os serviços de agente comunitária de saúde e que atende as comunidades do Baixio, Morro Redondo, Camarinha e o Retiro. Nesse momento as comunidades Vaca Morta e Retiro contam com uma construção de uma passarela, construída com recursos do Município de Porto Estrela, pois a última ponte foi levada com as chuvas há quase 03 anos.

Dessa forma as comunidades que já eram desassistidas ficaram praticamente isoladas, com isso várias dificuldades foram sendo acarretadas como a necessidade de se deslocar para realizarem suas compras, e todas as necessidades de que precisam. A passarela construída com ajuda dos próprios moradores e com recursos da prefeitura é bem simples e suas madeiras finas rangem abaixo dos pés numa nítida impressão de que não suportará a passagem das pessoas, bicicletas e motocicletas, e nas margens do rio resto de madeira e concreto vão se acumulando transformando o local num amontoado de madeiras, concretos e ferros retorcidos, gastos pela ação da água que as fortes correntezas não foram capazes de levar.

2.6 O rio Jauquara

O rio Jauquara sempre foi fonte de inspiração para os moradores das comunidades estrategicamente formadas em seu entorno. Sua formação esculpiu “chupadores²”, paredões e pequenos poços com até 20 metros de profundidade, fazendo-o importante fonte de alimentos e de vida para o território e as famílias que fazem parte desse espaço. Peça fundamental para a sobrevivência dessas comunidades, esse possui cachoeiras e poços onde se avista com frequência enormes peixes como pintados, jaús e outros, ora nadando, ora flutuando observando quem os observa.

Figura 11 – Rio Jauquara C. São José do Baixio/Peixe Jaú



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

No período da piracema, que coincide com o início das chuvas, o número de peixes se debatendo nas pedras tentando subir as corredeiras é um fenômeno bem bonito, sendo possível pegar peixes com as mãos quando estes erram o salto e vão parar nas mãos dos moradores. Às vezes, são até encontrados nas frestas das pedras e pequenos orifícios nas margens do rio.

² São lugares por onde o rio passa por baixo das pedras, formando enormes redemoinhos onde suga essa água para o fundo fazendo o rio aparecer novamente logo a frente.

Figura 12 – Rio Jauquara



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Os moradores dessa região possuem um linguajar próprio, um jeito peculiar de cumprimentar os mais velhos que não se observa em outros lugares. Ainda preservam seus costumes como nas manifestações culturais e religiosas. Seus artesanatos e comidas típicas ainda são bem presentes nas comunidades. Lendas, contos, mitos e histórias ainda permeiam o imaginário de muitos, principalmente quando contadas pelos mais velhos em rodas de conversa. Em sua maioria, as casas são construídas de pau-a-pique, com paredes de barro e cobertas de palha de indaiá, pois segundo eles, são as que conservam o interior das casas por mais tempo. A maioria dos homens com mais de 50 anos jamais se sentou em um banco de escola, porém alguns fazem medições de terras como se fossem professores de matemática. É incrível como, através dos tempos, continuam passando esses saberes para seus filhos e familiares.

Quem passa vagarosamente pela rodovia MT-246 consegue observar a cadeia de serras que muito longe vai se afunilando do lado esquerdo sentido Cuiabá-Barra do Bugres, próximo à vila Currupira, não imagina que no encontro das serras encontram-se os moradores das comunidades, povo simples e hospitaleiro com cultura e tradições mato-grossenses, e que preserva fervorosamente suas tradições religiosas.



Mapa 03 Entrada do Complexo Quilombola Vão Grande, próximo ao Distrito de Currupira.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-15.1185651,-56.8435506,2310m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 23/02/2018.

Quem chega nessa região descobre rapidamente diferenças em relação a outros lugares, a começar pelo cumprimento dos mais velhos, que se realiza com um toque leve e suave nas mãos, seguido de um toque nos antebraços; pelo linguajar bastante característico mato-grossense, embora já um tanto mudado, na atualidade, pela relação com o mundo externo, mas que ainda adoça os ouvidos dos chegantes; pelas festas de santo, sem as quais, quem sabe, as memórias reavivadas com essa investigação talvez não tivessem sido preservadas. É preciso ressaltar que o termo território está sendo utilizado por mim e pelos moradores, devido às novas configurações relacionadas às terras reconhecidas e certificadas pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo. Pois hoje para citar todo o espaço que compõe as comunidades dizemos que todas essas comunidades estão dentro desse território, mas que vai muito além dessas 05 comunidades, pois o território faz limite com outras comunidades que também tem parentesco com os moradores das nossas cinco comunidades e que são elas: Vãozinho, Voltinha, Água doce e Juquarinha.

2.7 A vida em e na comunidade

Fui apresentada ao Território Vão Grande quando ainda tinha meus doze anos, por Juzimar Maciel Machado (In Memoriam) esse que, anos mais tarde, se tornou amigo, esposo, pai das minhas duas filhas e avô das minhas três netas. A forma como ele falava do lugar onde nasceu era encantador, algo que eu nunca havia visto, mas a impressão era de já ter conhecido.

Falava com tanto amor! Desenhava as serras, os córregos, o rio, as flores e as pessoas num cartão e me entregou. Disso tudo, só lamentou a morte de seu pai por afogamento, que dali os retirou.

Alguns anos depois, Maria Zeferina Machado, então minha sogra, uma contadora de histórias nata, ainda reforçou, contando-me lendas, contos, mitos e histórias de seu povo.

E em 1991, aos dezoito anos, pela primeira vez cheguei ao Vão Grande. Desembarquei do ônibus vindo de Cuiabá ao distrito de Currupira e a pé pela estrada caminhei, com a minha futura cunhada e alguns de seus primos. No início da empreitada, disseram: “é bem ali”. Aquele nosso jeito mato-grossense de dizer “ali”, apontando com os lábios, como se estivesse perto, muito perto, não me enganava. Uma caminhada de 38 km de distância. Com muita disposição, começamos a andar. Seguia meio embriagada pelas belezas da estrada. Nem o boi bravo que, de um salto, fazia correr até os mais corajosos não me desanimou. Com um olho na estrada e outro na boiada, fomos vencendo quilômetros por quilômetros numa frenética caminhada rumo ao território Vão Grande.

Em 2003, depois de casados, Juzimar e eu finalmente realizamos o sonho de na comunidade morar. Levamos nossas filhas, nossos sonhos, e começamos a trabalhar. Ali estudei, me formei e fui trabalhar nas escolas em uma época muito difícil para todos; todas as famílias eram muito pobres, inclusive a minha.

Em 2004, podendo lecionar apenas com o Ensino Médio nas escolas das comunidades, levei meu currículo a Secretaria de Educação de Barra do Bugres. Contratarem-me. As salas eram multisseriadas. Assumi uma classe de 1ª e 2ª séries. A Escola São José do Baixio ficava a exatamente 6 km de onde todos os dias de bicicleta, pedalava com as filhas na garupa, saindo de casa muito cedo.

Em 2005, a prefeitura de Barra de Bugres firmou um convênio com a Universidade Federal de Mato Grosso que, por intermédio do Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD), ofertou o curso de Pedagogia para a Educação Infantil. Participei do processo seletivo e fui classificada em nono lugar, muitas pessoas e eu enfim, a partir daquele momento poderíamos concretizar o sonho de cursar uma faculdade, melhorar o desempenho profissional e ficar com melhores salários após formadas.

Para mim, que naquele ano já me encontrava lecionando na unidade escolar de comunidade Camarinha, extensão da escola da comunidade do Morro Redondo, e para as professoras Lucimara Martins Evangelista que lecionava na comunidade Morro Redondo (Escola Nossa Senhora Aparecida) e Dinalva Araújo de Campos que lecionava na escola da Comunidade São José do Baixio (Escola Municipal) os anos de faculdade foram marcados por grandes descobertas, muitas conquistas, alegrias e sofrimentos. Éramos conhecidas como “as

professoras do Vão Grande”. Todas nós ficávamos serias com essa frase, pois notávamos certo sarcasmo na fala, que não raro vinha acompanhada de expressões irônicas e de piadas.

Ao todo com atrasos e greves, foram 5 anos de pedagogia. Consegui construir muitos conhecimentos. Descobri que gostava de estudar, escrever, debater, pesquisar sozinha. Nos momentos presenciais da formação, que ocorria de 6 em 6 meses, realizávamos seminários, onde teríamos de apresentar nossa fala em público, discorrer sobre tudo que no projeto em grupo tínhamos realizado. Nos momentos antes das apresentações, me recordo das mãos suadas, da respiração ofegante, da garganta seca e das pernas bambas e, após, o alívio por saber que tínhamos ido bem.

Recordo, ainda, com saudades dos anos de faculdade, de todas as caronas que peguei... Da moto usada, que com muito suor eu comprei; dos vários tombos e queimaduras nas estradas empoeiradas nos períodos de seca e das lamas escorregadias no período das chuvas; dos encontros felizes com minhas filhas e esposo nos retornos para casa; dos amigos, colegas e companheiras que fiz e das amizades sinceras que conquistei. Lembro-me das viagens realizadas para participar de Seminários em diferentes lugares: Diamantino, Campo Novo e Cuiabá. Pagávamos o hotel antecipado para vários acadêmicos se hospedar, eu juntava o pouco dinheirinho e, se faltava, corria nos vizinhos para tomar emprestada a parte que faltava para completar a quantia necessária. Estudando, pesquisando, pude perceber ainda mais como nossas populações que vivem no campo em nosso país foram invisibilizadas e desassistidas pelos órgãos públicos.

Sempre soube que, para aprender, eu deveria estudar, pesquisar, buscar. Escrevia trabalhos acadêmicos e os apresentava em Fóruns, Seminários e nos lugares onde poderia divulgar os saberes e os fazeres dessas comunidades. Nesse meio tempo, também conheci o movimento quilombola.

A profissão proporcionou algumas melhorias. As pessoas, as festas de santo, as rodas de conversas, o futebol de várzea, as visitas em nossa casa me enriqueceram de saberes. Os mais velhos me chamavam por senhora professora.

Na escola e por meio dela após o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, pudemos escolher fazer a transição de escola do campo para escola quilombola, de escola municipal para escola estadual, tudo num processo coletivo e participativo, onde foram necessárias quatro reuniões de debates e informações sobre essa nova escolarização que culminaria na construção de uma escola nova e nos padrões e estruturas da Secretaria de Educação de Mato Grosso (Seduc). Assim, Dinalva, Lucimara e eu, fomos em busca de assinaturas das comunidades para decidirem pela aprovação da estadualização da escola São

José do Baixio que, a pedido da comunidade, recebeu o nome de José Mariano Bento, filho de um dos fundadores que viveu na comunidade do Baixio com sua esposa Maria Eulália de Lima, um dos lutadores pela escola na comunidade.

E em 2010 a escola passou a ser Escola Estadual José Mariano Bento e desde então as formações continuadas foram sendo desenvolvidas pela Gerencia de Diversidade da Seduc e pelos professores formadores do Cefapro. Proporcionaram-nos refletir sobre especificidades da educação escolar em comunidades quilombolas, enriqueceram nossas práticas docentes nas questões sobre relações raciais e educação. E desse período até o meu ingresso no curso de mestrado pela UFMT, foram anos de intensas relações com livros, pesquisas e todos os meios que me proporcionassem estar empoderada para fazer uma pesquisa onde eu pudesse falar sobre a comunidade onde vivo.

2.8 As festas de santo das comunidades quilombolas de Vão Grande

Os anos passados nessa região, não foram suficientes para que eu aprendesse tudo sobre a cultura local, e provavelmente nunca será, tendo em vista que as comunidades estão em constante transformações. As informações hoje chegam com mais rapidez, os carros de bois já não precisam percorrer os caminhos até a vila mais próxima e os moradores já conseguem ir e vir numa mesma manhã da cidade, viagem não era feita em menos de uma semana. Porém nas festas de santo realizadas nas comunidades, sua preparação quase que permanece fiel a das festas de outrora: a preparação dos alimentos, das casas da festa e casas das redes, da procissão, altar, e levantamento de mastro, enfim onde os saberes das preparações das festividades são passados percebe-se que ocorre a transmissão dos saberes sobre esses fazeres.

Figura 13 – Altar da festa de Santa Luzia



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 14 - Altar da festa de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Nesses momentos, pude perceber que os moradores rememoram seus familiares já falecidos, rezam, comem, bebem, cantam cururu, e dançam o siriri, firmando o compromisso de fé aos santos de devoção, a transmissão do conhecimento da organização das festas se dá de forma oral e prática, onde até mesmo as crianças aprendem desde pequena reverenciar suas santidades. Para mim as mulheres assumem papel primordial nas festas de santo, mesmo não sendo consideradas protagonistas pelos homens, pois assim como em outros lugares é comum no território Vão Grande às mulheres ficarem com as funções domésticas, porém além das domésticas, aqui elas também vão à roça, racham lenhas, ajudam a construir as casas de palhas, preparam as comidas, se dividindo entre os cuidados com os filhos, esposos e nas respostas das ladainhas puxadas pelos capelões. A primeira festa de santo na comunidade da qual participei foi na comunidade Morro Redondo, a mesma festa sobre a qual realizo minha pesquisa. Foi ali que aprendi a dançar o São Gonçalo e, desde então, tenho vivido esse contexto das festas de santo na comunidade.

E uma das primeiras percepções foi em relação aos altares dos santos presentes nas casas quilombolas, foi difícil encontrar alguma casa que não o tivesse. Esses santuários são partes dos elementos que estão presentes nas manifestações religiosas dessas comunidades, são confeccionados pelos próprios moradores, e se apresentam as mais simples as mais enfeitadas. São símbolos de devoção cristã, que mistura elementos da cultura afro-brasileira.

Figura 15 - Altar de São Benedito



Figura 16 - Altar de N. S. Aparecida



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Ouvir a afinação das violas de cocho, o ruído peculiar do ganzá, o som da garganta sendo limpa às vezes com um pequeno gole de cachaça, estrategicamente escondida embaixo da mesa do altar, às vezes com uma canção improvisada no momento que antecede a procissão, remete a um ritual que o momento ricamente organizado exige. Segundo Priore (1994) a festa constitui-se, ao mesmo tempo, uma expressão teatral, um ato político e religioso que possibilitam partilha de sentimentos e de conhecimentos.

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; elas têm simultaneamente importante função social: permitem as crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (PRIORE, 1994, p. 10).

Os homens desempenham pelo olhar de um leigo a figura principal das festividades religiosas, porque são eles que puxam os cantos, danças e rezas em círculos ou em dupla, ora com todos os presentes na sala, ora só entre eles homens cantando, tocando, rezando. Dançam o Cururu, uma frenética coreografia onde os passos demonstram vitalidade, musicalidade, corporeidade e fé assim vislumbra-se uma prática das manifestações religiosas das festas de santo praticada nas comunidades existentes em Mato Grosso. Grandó (2007) confirma a função dos homens nos momentos de devoção:

Os cururueiros, que determinam o início e o fim da cerimônia (subir e descer o mastro, iniciar a reza, tirar santidade, palmo de flores, entre outras práticas), cantam e orientam os festeiros a assumir seus versos tendo sua fonte de inspiração na própria natureza, nos pássaros, nos animais, nos rios, nos acontecimentos históricos, nas maneiras de ser local e na vida cotidiana (GRANDÓ, 2007, p.70).

Escolher os festeiros e empregados³(são festeiros) para contar, narrar, rememorar sobre as festas de santos das comunidades do Território Vão Grande do passado e presente, utilizando para isso as memórias dos mais velhos das comunidades será como passear pelas matas com cheiros, sons e cores, é colocar a mão no barro e moldar as casas, fogões, panelas e refeições, é arrancar a raiz de mandioca, ralar, torrar para, então, obter a farinha que é utilizada nos dias que antecedem a festa, durante a festa e, depois, no desmanche da festa, socar o milho e arroz preparar os bolos e doces para servir depois, cortar papeis confeccionar flores, laços, e palmas que coloridos enfeitarão o altar, vestir sua melhor roupa, perfumar, maquiar para na festa participar, distribuir as imagens de santo, coroar as rainhas por santo, abraçar sua bandeira para no mastro pendurar, distribuir as velas, raiar com os pequenos para na minúscula sala se posicionar, aguardar o início da procissão, com lançamentos de fogos de rojão e só então limpar a garganta para com fé cantar, a letra não se sabe bem, mas o som é de arrepiar tamanha são as notas musicais que passeia do agudo ao grave num som de lamentos ao divino no altar.

Figura 17–Cururueiros da festa de Nossa Senhora Aparecida 09/2016



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Reconhecer nessas práticas dimensões que educam, que preservam e conservam a cultura local e a identidade desse grupo constituíram nossa tarefa nas semanas que antecederam a festa. De acordo com dona Zenóbia Xavier Bento moradora da comunidade Morro Redondo e dona da festa de Nossa Senhora Aparecida, há uma prática de organização da festa assentada

³ O termo utilizado pelos moradores “EMPREGADOS” significa que essa pessoa foi convidada a ser festeira em sua festa e que passará a ter algumas obrigações como ajudar com o que puder nas despesas da festa, nos momentos de organizações dos festejos, enfim essa pessoa que passa a ser “empregado” na festa contribui de várias maneiras para a sua realização.

no trabalho coletivo, conta que a festa é realizada com ajuda de muitas pessoas, pois é trabalhoso demais realizar todos os preparativos necessário.

E a festeira vai lembrando sua infância, adolescência e fase adulta, dentro desse contexto das festas de santo, e como aprendeu a realizar as festas de santo, assim dona Zenóbia Bento vai narrando sua vida entrelaçada aos festejos religiosos passados pelos antigos familiares.

E tudo isso eu aprendi com minha mãe, aí eu cozinhava para todas as festas, todas as pessoas vinham me chamar e pedir pra eu cozinhar, quando fui ficando mais de idade que a gente vai ficando com algum problema que não pode mais estar mexendo com quentura de fogo aí que foram parando mais de pedir pra mim cozinhar, mas eu cozinhava demais nas festas, desde de menina pequena na casa de mamãe mesmo, aí mudamos para cá, foi a mesma coisa, todo ano era eu que cozinhava, comida para muita gente, vinha gente de muitos lugares, ônibus de Cuiabá era parentes e muitas pessoas que não era mas que vinham (Senhora Zenóbia Bento 59 anos, festeira, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

Moura (2012) em suas afirmações sobre festas de santo em comunidades negras rurais fornece elementos que podem ser de grande valia à melhor compreensão dessas práticas explicitadas por dona Zenóbia.

As práticas religiosas, inseparáveis das festas revelam importantes aspectos da dinâmica cultural que se pode observar nas comunidades negras rurais. O ritual aparece aqui como o modo que tem essas comunidades de apresentar para si mesmas sua organização social, como ela se desmonta e se remonta ciclicamente. Através das constantes que se repetem no tempo, pode-se perceber a estrutura que se articula essas celebrações festivas, e, quanto mais elas são insistentes, mais se vê quanto são semelhantes (MOURA, 2012, p.70).

A moradora Maria da Glória de Lima que até pouco tempo realizava a festa de Menino Jesus, herdada junto com a medalha do menino Jesus de seu avô, conta como e com quem aprendeu sobre as festas de santo:

A reza minha mãe ensinava, a gente rezar desde quando a gente era pequenininho... cresceu nesse costume. Então a gente respeita muito a reza dos santos. Quando a gente vai na festa, assim, eu falo que vou mais para reza né, pra reza e cumprir a devoção, porque desde pequeno minha família me ensinou isso, que a gente tem que ir ali para ajudar e para colaborar com a festa, e assim quando eu era criança eu ia na festa e chegava lá, a gente ia para ajudar, e para se divertir também. Não é só para ajudar, a gente ia para se divertir, mais a gente acabava ajudando de um modo que a gente ficava junto com os adultos ali, fazendo o que eles faziam também, vendo eles fazendo e aprendendo e fazendo também, tipo assim...era um aprendizado para nós que era pequeno e assim foi... Passa de geração para geração né vai passando (Senhora Maria da Glória, Festeira, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

E lembra como seus pais a introduziram nas tradições da família, na organização e nos rituais das festas de santo, e como toda a comunidade educam suas crianças, e se educam repassando seus saberes numa perspectiva de preservar a cultura local de seus antepassados.

Gohn sobre a educação e a forma de transmissão desses saberes afirma que:

Na educação formal, sabemos que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc (GOHN, 2006, p. 29).

Assim percorrendo por entre as fases dessas organizações culturais, sociais e políticas das festas de santo podendo nos levar a depararmos com um processo organizativa do fazer que no decorrer da pesquisa demonstrará seus significados, dimensões e objetivos.

3. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E SUAS DIMENSÕES CURRICULARES: UM DIREITO CONQUISTADO

Sabemos que as pessoas que vivem nos espaços rurais foram e são a parte mais excluída, dos direitos sociais, inclusive da educação escolar. Em Mato Grosso um exemplo disso são as comunidades quilombolas que por muitos anos se tornaram invisíveis na sociedade e do poder público, e que também foi o caso do território Vão Grande com todas as suas 05 comunidades quilombolas.

Nesses espaços estão mais penalizadas as comunidades negras formadas no pós-abolição.

Hoje, espalhadas por todo o Brasil, vemos surgir comunidades negras rurais (algumas já em áreas urbanas e suburbanas de grandes cidades) e remanescentes de quilombos. Elas são a continuidade de um processo mais longo da história da escravidão e das primeiras décadas da pós-emancipação [...] (GOMES, 2015, p. 07).

No que se refere a produção acadêmica Domingues e Gomes (2015) chamam a atenção sobre um fator importante:

Praticamente até a década de 1970, o fecundo debate teórico (muito importante) sobre o campesinato no Brasil silenciou completamente sobre a sua formação étnica. Continuam questionando quais eram as origens das populações rurais nas bordas do Brasil ou em torno dos sertões, engenhos, e fazendas de café? [...] parte substancial de negros, pardos, mulatos, brancos e quase todos pretos de tão pobres (DOMINGUES; GOMES 2015, p. 21).

A necessidade de sobrevivência foi determinante para se estabelecerem com o que possuíam, e assim foram se constituindo como parteiras, benzedeiras, exímios conhecedores das práticas agrícolas nos quilombos, profundos conhecedores das plantas medicinais, da arquitetura da matemática como saberes de uma educação comunitária. Reminiscências de um passado não muito distante, e que se mantiveram atrelados ao cotidiano, aos costumes e cultura das comunidades, porém são práticas coletivas e sociais que por muito tempo se mantiveram ocultos.

Para que se elenquem os direitos conquistados se faz necessário explicitar de que forma era e como os sujeitos se configuravam nesse longo contexto de desigualdade social, assim Jaccoud e Beghin (2002) descrevem o quadro de desigualdade que afeta os afro-descendentes.

O quadro de desigualdade racial traçado neste documento descortina o drama da marginalização econômica e da injustiça social que afeta os afrodescendentes no Brasil. A exclusão socioeconômica a que está submetida à população negra produz perversas consequências. De um lado, a permanência das desigualdades raciais naturaliza a participação diferenciada de brancos e negros nos vários espaços da vida

social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania por parte dessa parcela de brasileiros à qual é negada a igualdade de oportunidades que deve o país oferecer a todos. De outro lado, o processo de exclusão vivido pela população negra compromete a evolução democrática do país e a construção de uma sociedade mais coesa. Tal processo de exclusão fortalece as características hierárquicas e autoritárias da sociedade brasileira e aprofunda o processo de fratura social que marca o Brasil contemporâneo. Assim, ao falar-se de desigualdades raciais, está-se falando não somente de um problema que afeta parte da população nacional, mas de diversos problemas que atingem a sociedade brasileira como um todo (JACCOUD, BEGHIN, 2002 p. 37).

Sendo as comunidades quilombolas marginalizadas e excluídas, elas foram sendo invisibilizadas se tornando a parte mais desassistida na sociedade brasileira.

E a educação escolar quilombola nasce dessa necessidade de diálogos entre escola/comunidades quilombolas no sentido de que sejam percebidas nos currículos, as práticas, os saberes os fazeres das comunidades.

Munanga (2005) justifica que muitas pessoas não foram preparadas para lidar com a diversidade, e descreve como sendo reflexo do mito da democracia racial, assim:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã (MUNANGA, 2005, p. 15).

Assim as raízes do problema se configuram continuamente nos currículos que omite a luta e a vida das populações quilombolas, contribuindo e reproduzindo um currículo onde não tem espaço para o reconhecimento da cultura das comunidades quilombolas.

Costa, Dias e Santos (2016) apresentam as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola dessa forma:

No Brasil, no que diz respeito aos quilombolas, o segundo ano do início do segundo decênio do século XXI culminou com a definição das *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola*, consolidada, em termos formais, pela Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Essas diretrizes, fundamentadas em centenárias demandas sociais e assentadas em ampla base legal nacional e em documentos internacionais dos quais o Brasil é signatário, estabelece que o ensino em escolas quilombolas ou que atendem estudantes quilombolas, a ser ministrado em todas as etapas e modalidades da educação básica (seja em área rural, seja em área urbana), se organize alimentando-se “da memória coletiva”, “das línguas remanescentes”, “dos marcos civilizatórios”, “das práticas culturais”, “das tecnologias e formas de produção do trabalho”, “dos acervos e repertórios orais”, “dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país”, “da territorialidade”, devendo “ser implementada como política pública educacional” (Art. 1º) (COSTA; DIAS; SANTOS, 2016, p. 91).

Sob essa perspectiva, a educação ofertada nas comunidades quilombolas passam a contar com diretrizes que dão suporte a prática em sala de aula e para além dela. Essa nova política educacional se volta para o reconhecimento da cultura quilombola pelas escolas quilombolas.

Assim torna-se possível uma aproximação da escola com as comunidades, de modo que os saberes produzidos informalmente nas comunidades possam encontrar lugar no cotidiano da educação formal escolar, diminuindo o distanciamento dos saberes produzido na comunidade daqueles valorizados na escola. Gohn (2006) compreende a educação formal e informal que se tornaram intrínsecas na educação escolar quilombola das seguintes maneiras:

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. A educação não- formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo (GOHN, 2006, p. 29).

Compreende-se dessa forma que essas duas formas de educação, uma protagonizada pelos moradores quilombolas do seu cotidiano de vida e outra institucionalizada no espaço escolar, se tornaram indissociáveis no processo de formação do estudante quilombola, onde haveria a necessidade de entender o mundo social a partir de sua história, sua memória, crenças, de seu cotidiano de vida nas práticas de agricultura quilombola e nas práticas das manifestações religiosas e culturais das comunidades quilombolas.

Ressalto a observação de Brandão (1981) sobre a existência dessa educação presente nas comunidades quilombolas, que prescindir a educação formal, advindo de uma geração a outra:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser (BRANDÃO, 1981 p. 12).

É fato que por muito tempo a sociedade brasileira pautou-se na educação eurocêntrica, e pensando e aplicando essa educação excludente contribuiu com a construção de currículos escolares que descaracterizavam nossos alunos, minimizavam as nossas histórias e escondiam as contribuições e as lutas pelo reconhecimento e pela valorização identitária.

Portanto, Santos (2010) pontua que:

Cabe a escola e ao professor(a), dos espaços e territórios quilombolas quando da seleção dos temas, atentar para a realidade dos (as) alunos (as) e ao nível de aprendizagem, de forma que os conteúdos ofereçam contribuição real, identifiquem e valorizem os elementos da produção negra no construto social, político e intelectual nas sociedades que compõe a diáspora africana, incluindo o Brasil. (SANTOS, 2010, p. 154).

Espera-se, portanto, que as histórias de vida contadas sobre os processos de organização da festa de santo na comunidade a partir da visão dos moradores entrevistados, das práticas desenvolvidas nas comunidades, nas etapas dessas manifestações dos saberes que são produzidos nos fazeres das festas de santo, no feitio das casas e das roças, na educação transmitidas pelos mais experientes e nas formas de ensinar e aprender, sejam incluídos nos currículos, nas formações inicial e continuada dos professores quilombolas e que atuam em escolas quilombolas, nas disciplinas específicas criadas para diminuir a distância entre o fazer e saber da escola e o saber e fazer da comunidade, se tornando assim a parte complementar e diversificada do currículo escolar para escolas quilombolas. Para Leite (2000) que discute desigualdades sociais brasileira diz que:

Para além de uma identidade negra colada ao sujeito ou por uma cultura congelada no tempo, que deve ser tombada pelo patrimônio histórico e exposta à visitação pública, a noção de *coletividade* é o que efetivamente conduz ao reconhecimento de um direito que foi desconsiderado, de um esforço sem reconhecimento ou resultado, de um lugar tomado pela força e pela violência. Coletividade no sentido de um pleito que é comum a todos, que expressa uma luta identificada e definida num desdobrar cotidiano por uma existência melhor, por respeito e dignidade. É por aí que a cidadania deixa de ser uma palavra da moda e passa a produzir efeito no atual quadro de desigualdades sociais no Brasil. (LEITE, 2000, p. 352,353).

A formação continuada, que também está prevista nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, tem o caráter de proporcionar embasamentos necessários para construir novas reflexões que sejam capazes de desconstruir ideologias racistas e preconceituosas construídas em nós muitas vezes na família, na sociedade, na escola, na universidade, enfim pela visão eurocêntrica de superioridade das classes.

Segundo Costa, Dias e Santos (2016) a formação docente impõe que seja espaço também de acesso e aprofundamento que coloquem em pauta relações raciais e quilombos no Brasil, considerando seus aspectos históricos e sociais, assim:

A organização do ensino e o alcance dos objetivos explicitados passam, direta ou indiretamente, pela formação docente inicial e continuada, impondo a essa formação que também seja espaço de acesso e aprofundamento dos conhecimentos elaborados que colocam em pauta relações raciais e quilombos no Brasil, considerando seus aspectos históricos e sociais. Espera-se, inclusive, que, nesse tipo de formação, a pesquisa seja entendida como intrínseca à prática profissional docente, possibilitando ao professor e à professora também produzir novos conhecimentos, resultantes de uma prática pedagógica aliada à reflexão. Isso implica, igualmente, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que se disponibilize aos professores, sistemático apoio “para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino [...]”. (Brasil, 2005, p. 23). (COSTA; DIAS; SANTOS, 2016, p. 93).

Costa (2013) argumenta que, em conjunto com as Diretrizes, outros aportes possam provocar novas reflexões e ressignificações.

No âmbito da escola, a inclusão de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo, exceto para uma minoria, ainda se trata de uma alusão superficial, sem condição de produzir os significados almejados na prática docente. Uma política curricular com envergadura da proposta pelas diretrizes nacionais para a educação das relações étnicas raciais e para o ensino de história e cultura afro brasileira e africana é anunciadora de um repensar a sociedade brasileira e ressignificá-la. Espera-se que provoque, também na escola, um movimento de repensar a si mesma: suas finalidades, missão, valores, com implicação no projeto pedagógico ou político pedagógico constante nos planos de ensino e nas práticas docentes, impulsionados por uma formação docente inicial e continuada consistente sobre as questões que se pretende sejam, de fato, tratadas como centrais, visto que o são. (COSTA, 2013, p.215).

Dessa forma se torna imperativo a discussão em todos os espaços educativos com todos os sujeitos envolvidos, tendo também a necessidade de ir além, para que de fato seja um processo de construção reflexivo, com premissa de transformação nas escolas, comunidades quilombolas como em toda sociedade.

Muitos foram os caminhos percorridos para que houvesse formulação de uma política educacional escolar quilombola. A trajetória dessa nova educação que valoriza os saberes dos sujeitos e os colocam como protagonistas da sua história, unindo os saberes científicos ao saber local, tornam-se indissociáveis e necessários nessa modalidade de ensino.

Enquanto direito, o sistema homogeneizou a educação no campo como se todos fossem iguais, com a mesma história, com as mesmas especificidades e as mesmas necessidades. Era como se houvesse somente dois tipos de alunos, os da cidade e os do campo.

E muito precariamente foi atendendo as reivindicações de grupos que ansiavam por uma escolarização em suas comunidades, que fossem além do modelo de educação que já vinha sendo feita como única capaz de atender as necessidades de diferentes realidades e comunidades, desconsiderando suas especificidades.

A educação quilombola também apresenta estruturas de transmissão de saberes. A educação escolar quilombola não prescinde dos processos e das formas de transmissão de saberes ancestrais das comunidades quilombolas, preservados no cotidiano de vida dos moradores, nos modos de produção de conhecimento a partir de seu mundo e da sua cultura de dentro para fora, do que é palpável para o imaginado. De acordo com Costa, Dias e Santos (2016) é oportuna e necessária fomentar algumas reflexões sobre a organização e as práticas nas escolas quilombolas, assim:

No momento em que se busca implementar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, entendemos oportuna a realização de reflexões sobre a necessidade de construção de novos paradigmas e de ampliação de quadros de referência que contemplem as especificidades por elas colocadas, haja vista que a Educação Escolar Quilombola ainda é um campo em construção, tanto no que se refere a abordagens didático-pedagógicas na formação inicial e continuada de professores, quanto no que se diz respeito à produção de conhecimentos que fundamentem a organização do trabalho na escola e a prática docente.(COSTA; DIAS; SANTOS, 2016, p. 104).

O território Vão Grande e principalmente a escola localizada na comunidade também vivenciou essas dificuldades, com a recente estadualização da nova escola quilombola, numa comunidade recentemente certificada e com a recente aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Era natural que o cotidiano escolar apresentasse inúmeros embates e longas reflexões, e que se fizesse necessária a ampliação desse debate para além dos muros da escola, pois, as Diretrizes justamente tratava da inclusão da história, da memória, das manifestações religiosas e culturais, do linguajar, dos ritos e mitos das comunidades, devendo ser tratados, ressignificados, trabalhados e valorizados no cotidiano da escola pelos seus docentes, discentes e toda comunidade em geral.

Repensar um projeto político pedagógico que melhor define a nossa escola nossas ações e nossos anseios perpassam por diferentes situações. O encontro com o novo que nesse momento eram as novas legislações que vieram acopladas a nova modalidade de ensino recém-construído se tornavam nesse momento desafiador e doloroso ao mesmo tempo. Desvestir de antigos conceitos, construir identidades tanto em nós comunidade como contribuir com as construções de identidades dos estudantes, assim como dos profissionais da educação que estavam lotados na escola foi sendo pouco a pouco configurado, não antes de inúmeros conflitos para que houvesse algum tipo de entendimento sobre as questões ligadas as comunidades sua cultura e sua identidade étnica, e que foi e ainda tem sido em alguns aspectos dessa educação, que deveria considerar toda cultura quilombola nascida no seio das comunidades e de seus moradores criando um espaço de interação desses saberes.

Para Carvalho (2016) que fez seu estudo na escola a qual já trabalho há mais de 10 anos, a percepção da construção coletiva do PPP da escola José Mariano Bento:

A escola ainda precisa avançar no que tange a participação da comunidade durante a elaboração do Projeto Político Pedagógico, durante as conversas informais notei que a participação da comunidade nestes momentos ainda é tímida, ficando a elaboração do PPP mais restrita ao corpo docente. O Projeto Político Pedagógico constitui, ou ao menos deveria constituir, a identidade de uma escola, falar dos seus sonhos, de suas expectativas, do seu passado e do seu futuro, contribuir para perpetuar a história da comunidade escolar, do povo a quem pretende atender (CARVALHO, 2016 p. 116).

E é justamente essas angústias que foram se configurando ao longo do meu trabalho na comunidade como quilombola, como parte disso tudo, da cultura, das famílias e das comunidades e após na escola que deveria promover essa nova educação escolar quilombola contemplada na Educação Básica, contando com uma diretriz específica e norteadora dos princípios, procedimentos e objetivos da educação no quilombo, totalmente voltada para a valorização da educação quilombola existente nas comunidades.

Gohn (2006) disponibiliza elementos para que se possa compreender a complexidade da necessidade de conversão das dimensões educativas formal e informal no cotidiano educativo escolar.

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento. A educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado. A educação não-formal tem outros atributos: ela não é, organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do *empowerment* do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo (GOHN, 2006, p. 30).

A educação escolar quilombola se realiza tendo por pressuposto a existência de um coletivo identitário, que busca sua materialização nos espaços escolares, no currículo, nas práticas docentes, nas disciplinas e materiais didáticos pedagógicos e em todas as ações desenvolvidas no cotidiano escolar.

Reconhecer as manifestações religiosas e culturais como dimensões curriculares garantidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola também é legitimar essa educação produzida nas comunidades pelos festeiros e pelas festas de santo realizadas nas comunidades, nas infinitas maneiras de organização de seu processo, nos

infinitos significados presentes em todos os rituais de organização e nos valores que se fazem presentes.

Santos (2015) sobre a sabedoria dos mais velhos diz:

Os conteúdos culturais, símbolos, ritos, mitos e códigos transmitidos estão em conformidade com a lógica persuasiva, que é bem diferente da demonstrativa. Essa transmissão tem sido realizada pelos mais velhos, aqueles que absorveram a sabedoria da noite dos tempos vividos, que transmitem tudo o que guardaram na memória e no coração, e não o que está em conformidade com a razão. O que pode ser transmitido como algo que está guardado na memória e no coração dos mais velhos pertence a uma vivência ancestral; é uma atualização do que foi legado dos antepassados. Nesse sentido, a aceitação e adesão a esses conteúdos dependem da relação de audiência e da forma de sentir como grupo. Ou seja, o sujeito precisa sentir que, de fato, naqueles conteúdos estão elementos importantes da vivência histórica e da existência ancestral do seu grupo e da sua comunidade. (SANTOS, 2015, p. 132).

As festas de santo fazem parte da cultura quilombola, e se tornou uma das manifestações mais significativas do cotidiano de vida da nossa população. Está relacionada com todas as formas de sua existência dentro da comunidade, do nascer ao morrer. Dessa forma a inclusão dessas temáticas nos currículos das escolas quilombolas tende a contemplar todas essas especificidades presentes nesse cotidiano tão rico e significativo para a população quilombola. As manifestações religiosas e culturais produzidas pelas comunidades quilombolas têm sido práticas realizadas há séculos e estão presentes no contexto das comunidades atuais.

Figura 18–Procissão em honra a Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo cedido pelo fotógrafo Luso Reis

Acima os momentos que antecedem a procissão onde todos carregam consigo uma imagem de algum santo.

Os rituais das festas de santo presentes foram se configurando ao longo dos anos como resistência as opressões sofridas, como ideologia de vida e de transmissão dos conhecimentos, sendo criados e recriados como meios de manter as manifestações herdadas dos seus antigos para perpetuar suas origens e seus saberes. Gomes (2015) descreve um exemplo de como essas tradições foram se configurando.

No Maranhão, no século XIX, em ataques aos quilombos foram localizadas várias casas destinadas á orações, onde estava assentado um altar com uma cruz e muito as flores. Descobriu-se que os quilombolas faziam festejos a São Benedito. Havia nesse quilombo casas em que moravam de três a cinco pessoas, incluindo mulheres e filhos. Outras casas eram chamadas de “casas de santos”; numa delas havia imagens de santos e na outra, bonecos feitos de madeira, cabeças com ervas e uma porção de pedras para rituais. Eram pedras que tinham sido antigamente utilizadas por indígenas na construção de machados e agora serviam para os quilombolas fazerem a invocação de Santa Barbará, que veneravam. [...] Essas indicações sugerem práticas religiosas com origens e influências variadas, havendo formas culturais que podiam alcançar tanto os habitantes dos mocambos como aqueles que viviam fora deles, como libertos, índios, brancos e outros setores da sociedade envolvente. Seria a base de uma cultura camponesa- fortemente marcada pela presença de negros e índios. As cruzes, as “casas de oração” e as “casas de santo” podiam ser tanto fruto de influencias das primeiras gerações de africanos na região e dos mais antigos habitantes do quilombo como da cultura indígena e as transformações de símbolos e significados étnicos e culturais (GOMES, 2015 p. 44-45).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, assenta-se em princípios que visam a garantia da realização da educação escolar, assegurando especificidades da cultura quilombola.

Figura 19 – Procissão em honra a Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo cedido pelo fotógrafo Luso Reis

Por essa razão as organizações coletivas das festas de santo passam a ser ressignificadas e contextualizadas em vários espaços inclusive nas comunidades e escola. A foto cima e a festeira Camila Bento que toma seu posto de juíza da festa a mesma que contribui

em todas as festas da comunidade Morro Redondo e outras mais, pois adquiriu a prática na infância até os dias de hoje.

4. FESTAS DE SANTO EM VÃO GRANDE E SUAS DIMENSÕES EDUCATIVAS

O convite para participar dos festejos de Nossa Senhora Aparecida na comunidade Morro Redondo é feito todos os anos de casa em casa no momento em que uma pessoa da família dos festeiros sai pedindo a “esmola” para a santa (qualquer ajuda que a pessoa puder dar). Trata-se de um ritual que faz parte do processo de realização das festas; é também uma oportunidade de anunciar que a festa irá acontecer e quem puder contribuir na realização ajuda com o que tiver em casa: mercadorias, velas, fogos de artifício, bebidas ou ajudando na organização da festa.

A pessoa da família que sai tirando a esmola anda em todas as comunidades e até em outras que estão mais próximas do território. Leva consigo a imagem da santa que será homenageada, protegida numa caixinha feita de papelão ou, às vezes, acondicionada em um lenço que fica pendurado ao pescoço. Geralmente é enfeitada com pequenos laços de fita de cetim e perfumada com cheiro adocicado. Onde a imagem dos santos chega, logo é recebida pelas pessoas, que pegam e elevam a caixa com a imagem à cabeça, pedindo a benção da santa para prosperar ou agradecer. Após, beijam a santa e a levam para dentro de suas casas para pedir a proteção para os moradores.

Figura 20—Santa levada na cabeça para pedir proteção



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Uma tradição que se repete todos os anos, como um ritual de funcionalidade da sobrevivência dos costumes dessa população que reinventaram significativas maneiras de existir e transmitir suas tradições e seus conhecimentos. Dessa forma, a organização das festas

de santo se constituem em uma das formas de educação quilombola que se mantém parte de uma cultura viva.

Priore (1994) aponta que as descrições nos documentos históricos não elucidam necessariamente as funções formais embutidas na festa. Dessa forma, descreve que:

A festa tanto no passado quanto no presente tem sido mais descrita que explicada. Lévi-Strauss diz que ela deve responder a uma necessidade e preencher uma função. No entanto, as descrições nos documentos históricos não elucidam necessariamente as funções formais embutidas na festa. Para captá-las, é necessário religar todas as suas intervenções por meio de um sistema global de interpretação que não deve negligenciar nenhuma manifestação de sua prismática vivência. Por isso, neste estudo não serão ignorados os gestos, os bailados, o entretenimento, a violência, as funções mágicas e políticas da festa (PRIORE, 1994, p. 10).

A moradora e festeira Maria da Glória de Lima descreve como a tradição das festas de santo e das rezas dos capelões foram se incorporando ao cotidiano de vida dos moradores, que detinham os saberes das manifestações religiosas.

[...] mais a gente acabava ajudando de um modo que a gente ficava junto com os adultos ali né, fazendo o que eles fazia também vendo eles fazer e aprende e fazendo também, tipo assim, era um aprendizado pra nós que era pequeno e assim foi passa de geração pra geração né? Vai passando. Ai como os capelão ensina né e o que tem vontade de aprende né já vê os capelão tirano a reza as respondera também né, e vai passando de um pra outro por que se continuasse só pra um né ? num teria até agora aí então vai passando de pai pra filho de filho pra neto e assim vai indo, é assim [...] (Senhora Maria da Glória de Lima, Festeira, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

As pessoas responsáveis pelas rezas são chamadas de capelões e as mulheres de rezadeiras ou respondedeiras. Estas são as mais velhas da comunidade e são as guardiãs, que conservam essas tradições. Verificamos que o ensino aqui citado por Dona Maria da Glória sustenta-se numa relação de tradição oral. Os/as responsáveis pela reza são senhoras e senhores mais velhos com pouca ou nenhuma escolaridade, mas que demonstram intimidade e habilidades imensas com as palavras, com a vida com suas rezas, benzeções e devoções. Para Bâ (1982) a tradição oral é de grande valor na cosmovisão africana, pois “Pode se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem” e ao comparar com a educação ocidental observa que aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser (BÂ, 1982, p.199).

Sãos estes, os mais velhos, que nas famílias destas comunidades quilombolas repassam seus ensinamentos de reza para os mais novos, do pai para filho, de filhos para netos e sucessivamente.

A narrativa de Dona Maria da Glória e observação dos movimentos para a realização da festa revelam a experimentação dos saberes, é assim que se realiza o aprendizado.

Munida de um arcabouço teórico ao realizar a pesquisa, identifiquei uma imersão profunda nas práticas desses responsáveis pelas rezas. Tal qual observa Bâ (1982), na comunidade, desde criança, as observações por meio dos olhares, escutas e certas “fazeções” nas brincadeiras, ou seja, reelaborações do brincar desvelam-se em constantes aprendizagens, numa pedagogia sistematizada pela oralidade.

Assim as comunidades vêm demonstrando a escola as variadas formas de ensinar e as várias formas de aprender, ratificando que a educação quilombola se faz presente no cotidiano de várias atividades, tais como, na organização das festas, no plantio e na colheita dos alimentos, nas medições e construção das casas, nas formas de observar e seguir a mudança da lua e dos fenômenos da natureza.

Figura 21–Socando o arroz para o bolo da festa em honra a Nossa S. Aparecida



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A Festeira Maria da Glória vai desvelando os dotes culinários herdados da família que sempre tiveram a tradição das festas de santo e conta como limpavam e faziam os alimentos.

Pois na parte da alimentação primeiro a gente pilava, socava ele no pilão socava um monte de arroz pra festa era de dois alqueires ai socava ai arroteava tudo para catar ai era aquele monte de gente tanto faz mulher, criança, homem tudo junto fazia essa parte a gente pegava muitas vezes boca da noite ia até meia noite socando ai depois que a gente socava tudinho arroteava catava e guardava, ai na parte de fazer o arroz naquele tempo eles não temperava era sempre arroz sem sal, colocava numa panela grande de barro era panela de barro e colocava agua e ali era mais de quarta que falavam eram mais de 6, 12 litros de arroz que colocava em cada panela esperava e fazia o arroz. Ai ia para feijão como que a gente fazia o feijão? o feijão primeiro vem da roça arrancava fazia o manejo do feijão batia daí fazia o mesmo processo catava o feijão ai cozinhava ai pra temperar o feijão sempre com gordura de porco que fazia era muito gostoso, alho, bastante alho ia temperava o feijão fazia já o feijão e arroz já

estava pronto (Dona Maria da Glória, festeira, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

A jovem Marli Maria Bento que também vem se destacando como futura herdeira das festas de santo de seus pais conta sobre a preparação desse festejo como algo natural em sua vida e em conversa sobre a organização faz as seguintes narrações:

Nós começamos a fazer farinha nisso já são um mês para a festa ai nós pegamos uns oito sacos de mandioca esse dá para desde de antes começar a comer que é muito trabalhoso ai nós fazemos a farinha todos que são empregados vem ajuda cascar, ralar, torrar ai faz a farinha ai mais próximo da festa uma semana antes esse ano nós fizemos bolo de arroz mas antes nós fazíamos biscoito nós socava milho 40 dias antes quebrava tirava a casca e colocava na agua para socar para virar pó isso todas as mulheres da comunidade vem para ajudar nós ai passando umas oito semanas você tira ele da agua para socar para virar pó para virar a farinha de milho ai amassa assa em outro dia e não pode parar depois que amassa mesmo escurecendo ou amanhecendo tem que assar todos ai fazendo biscoito ou o bolo de arroz que é quase a mesma coisa que coloca na agua soca vira pó mistura e frita uns dois dias antes esse é a parte das mulheres. Fora dos homens que tem que fazer as casas, casa de fritar prenda de cozinhar, de colocar os panelões preparar o empalizado (peça de palha com uma única caída) para colocar mesa fazer os fogões pegar cupim barrear eles acertar o fundo das panelas, ai vem na parte da sala no dia da festa cedinho os homens vai matar o boi as mulheres vão matar as galinhas cuidar das prendas, os homens matam e limpam os porcos as mulheres cortam para a prenda sapreza (temperar) ele a galinha, o porco e o boi faz para de tarde começar a fritar (Marli M. Bento, filha de festeiro, *entrevista realizada em setembro de 2016*).

A Educação Escolar Quilombola exige que a escola traga para seu cotidiano a cultura de seus alunos, de seus moradores, de modo que a educação formal seja capaz de dialogar com os saberes produzidos nas comunidades.

Assim discorrer sobre esse cotidiano na comunidade, dos fazeres das mulheres, dos homens, das crianças e jovens me parece tão familiar e natural, pois me encaixo a ele cotidianamente. Brandão (1982) descreve sobre o ato de aprender e ensinar como atos necessários para a sobrevivência de grupos humanos.

É bom separar agora algumas palavras usadas até aqui e que serão ainda trabalhadas mais adiante. Tudo o que existe transformado da natureza pelo trabalho do homem e significado pela sua consciência é uma parte de sua cultura: o pote de barro, as palavras da tribo, a tecnologia da agricultura, da caça ou da pesca, o estilo dos gestos do corpo nos atos do amor, o sistema de crenças religiosas, as estórias da história que explica quem aquela gente é e de onde veio, as técnicas e situações de transmissão do saber. Tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como conhecimento que se adquire através da experiência pessoal com o mundo ou com o outro; tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de endoculturação, através do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos de sujeitos sociais. (BRANDÃO, 1989, p.11).

As comunidades do Território Vão Grande, além das festas de santo também realizam outros tipos de atividades coletivas. Na agricultura, é pratica constante nas comunidades, se reunir para limpar, plantar ou colher determinada roça de algum morador. Essa prática denominam “trocar dia”, em outros lugares mutirão. Provavelmente também seriam esses os

momentos de trocas de experiências e de saberes nas trocas das sementes, de técnicas agrícolas que seus antepassados realizavam no cultivo dos alimentos.

4.1 O trabalho coletivo das festas

O trabalho coletivo para a organização da festa é o que faz essa manifestação acontecer, é com ela e através dela que os significados simbólicos das festas vão se concretizando, um a um as etapas vão sendo vencidas, vão se transformando em alimentos, barracões, altar, decorações e devoções.

Figura 22–Toucinho p/ fritar para a festa em honra a Nossa S. Aparecida



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Como uma identidade do grupo as festas de santo das comunidades se mantêm nesse processo do fazer coletivo e nas formas de existir e resistir face a dinâmica social na qual se encontram, dessa forma a transmissão desses saberes produzidos no cotidiano dos moradores partem da relação com o outro, de sua relação com a natureza e com suas manifestações religiosas e culturais presentes nesse contexto.

Por isso a educação escolar quilombola tem revisitado constantemente essas configurações existentes e vividas nas comunidades, assim como qualquer outra escola tem em sua rotina anual o calendário escolar das datas comemorativas que seguem um curso ligada ao cotidiano dos alunos na escola, as festas realizadas nas comunidades também ganham essa intencionalidade de programações vinculadas ao cotidiano dos moradores. E que de acordo com Moura (2012) sobre o tempo das festas, que mais pareciam como “calendário de festas” diz que:

Rituais religiosos e festas são os eventos de maior força e significação comunitárias, havendo festas internas (sem convidados) e abertas a convidados. Abrir-se ao público externo tem importância intrínseca, evidencia a verdadeira *cultura da festa* enlaça o pertencimento ao grupo. Os quilombolas são capazes de sacrificar-se para manter o calendário de festas. Crianças se programam até para não irem às aulas do dia seguinte as festas de que diretamente participam, dada a sua superimportância. Transmitem-se valores, reafirma-se sua identidade, garantindo-se a estabilidade grupal das relações de autoridade (MOURA, 2012, p.111).

E de certa forma esse sacrificar-se é realmente verdadeiro, pelo santo pela devoção, se preparam adiantadamente para esse grande momento, trabalham o ano inteiro sempre guardando aquilo que será destinado a preparação da festa de santo e como dizem os festeiros o que nós não conseguimos comprar o santo ajuda. A participante da pesquisa Marli M. Bento recorda como são os primeiros preparativos para a realização da festa.

Meu nome é Marli Maria Bento, tenho 23 anos, moro aqui na comunidade Morro Redondo Vão Grande desde que eu nasci. A festa de santo que todo ano que todos aqui da comunidade faz começa uns seis meses antes se preparando para a festa primeiro procura o boi vai caçando o boi que vai matar no dia da festa na véspera aí vem as casas que precisa vai procurando palha de babaçu pra fazer os esteios já vai pegando cortando e deixando ali do lado vai também deixando as galinhas os porcos que são para a prenda desde antes vai deixando engordar vai passando os meses minha mãe e mais duas comadres dela tirar esmola e pedir ajuda para fazer a festa em todas as comunidades, Currupira, Bauxi, elas foram esse ano que passou (Marli Maria Bento, filha de festeiros, 23 anos, *entrevista realizadas em Setembro de 2016*).

E é nessa participação coletiva de ser, fazer e viver que as festas de santos foram se tornando a mola propulsora presentes nas comunidades quilombolas do território, pois são com elas e através delas que os saberes são transmitidos, praticados e preservados. Segundo Cruz, Menezes e Pinto (2008) as manifestações religiosas ganharam ao longo dos anos diferentes influências culturais.

Devido à confluência de diferentes culturas no Brasil, foram ampliadas as maneiras com as quais o povo brasileiro celebra seus rituais, seus santos, suas festas de largo, suas colheitas, suas datas comemorativas delineando ricas manifestações culturais. (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 5).

Altars, reis, rainhas, juizes, capitães de mastro, nos elementos das festas de santo, introduzidas e reinventadas ao longo dos anos, enfim, parte da cultura mato-grossense que se funda na herança dos antepassados negros quilombolas.

O trabalho nas comunidades sempre de forma coletiva demonstra que toda essa dinâmica de vivências foram e são necessárias para que todo esse contexto de transmissão dos saberes ainda se faça presente e essas cenas de mãe e filha realizando essa mesma atividade são comuns no território, já que a prática de fazer farinha de forma artesanal é realizada por muitas famílias nas comunidades como fonte de renda e para uso na alimentação, nesse momento, a

dona Zenóbia com a sua filha Marli que ajuda ativamente na preparação da festa de Nossa Senhora Aparecida da sua família e em todos os momentos da organização da festa, trabalham na produção da farinha que será utilizada no dia a dia e na festa de santo em honra a Nossa Senhora Aparecida.

Figura 23 – Mãe e filha fazendo farinha



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Gohn (2014) que discute educação formal e informal descreve e faz uma referência sobre a educação informal e seus significados construídos pelos povos indígenas, que pode em alguns momentos ser comparada a educação quilombola quando diz que a educação é assumida como responsabilidade coletiva com tempo e espaços educativos, assim diz que:

Quando se fala, por exemplo, sobre a questão dos povos indígenas. A divisão deles enquanto povo não se limita à divisão geográfica de um país. A educação não formal constrói no plano simbólico e ajuda a entender o alargamento das fronteiras ao introduzir a questão do transnacional. Além disso, os povos indígenas possuem espaços e tempos educativos diferenciados dos quais participam a pessoa, a família tribal, a comunidade e o povo ou nação indígena a que pertencem. Deste modo, uma pedagogia a ser desenvolvida, para um grupo ou junto a um movimento dos indígenas, deve considerar que a educação é assumida como responsabilidade coletiva, e não como ato de ensinar com interlocutores isolados (GOHN, 2014, p. 45).

Rafael Bento que cresceu em meio às festas de santo de seus avós de seus pais e das preparações, relembra como é o processo de organizar uma festa, mas frisa que há sim o envolvimento de toda comunidade, como se todos fossem realmente responsáveis pela concretização da festa e da devoção e confirma ao dizer que esse trabalho coletivo das festas de santo envolve toda comunidade

Na preparação da festa de santo tem o envolvimento de toda comunidade, quando vai chegando a última semana, que é preparado às decorações da sala, do altar, das bandeiras eles pegam a lenha é feito os biscoitos e quando chega os últimos três dias que começam a chegar, mais gente na festa da própria família ou das comunidades

vizinhas pra ajudar a construir os barracos que são feito pra cozinha, armar rede e terminar as preparações o mastro também só pode tirar na véspera da festa o boi do santo também tem que ser matado na véspera (Rafael Bento, filho de festeiro, 32 anos, entrevista realizada em Setembro de 2016).

Esse envolver-se é estar ligado desde o começo do fazer até o final quando terminam as rezas e ladainhas, desde o plantio e engorda dos animais utilizados para as refeições nas festas de santo, assim desde o matar, limpar, cortar, cozinhar, assar e fritar dos alimentos até a limpeza do ambiente as pessoas estão lá como proprietários (as) de um acontecimento, onde tudo é feito com muito capricho, dedicação e fartura de alimentos. Por mãos que ensinam e mãos que aprendem, e que aos poucos vão compondo esse rico acontecimento com os elementos da festa de santo, os devotos e fiéis, a alimentação farta e saborosa, a colorida decoração dos ambientes, os santos que compõe o altar, as bandeiras que enfeitarão os mastros, os cururueiros que farão os sons das violas de cocho e do ganzá ecoar terreiro a fora, num convite, chamamento ou uma ordem para que as crianças, jovens e adultos tomem seus lugares para a procissão iniciar.

Figura 25 - Pilão com o arroz para fazer o bolo da festa



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 24 - Cururueiros dando início a procissão



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Durante o ato religioso e cultural, pudemos observar o passado manifesto através das gerações e, de forma muito íntima e natural, realizado assim como as demais atividades do grupo, envolvendo parentes moradores de outras comunidades quilombolas. Neste contexto o território surge como o substrato material para a execução dos passos da dança e é nele que as expressões de fé e devoção se territorializam”. (DOS SANTOS, 2016, p.89).

A participação da juventude em todos os processos de organização das festas de santo no território demonstra sua importância para a conservação e preservação cultura quilombolas.

Os pilões que também são elementos que compõe a cultura quilombola e estão sempre presentes nas casas dos moradores, são utilizados para a preparação dos bolos que são servidos ao amanhecer para todos os presentes na festa de santo. No momento da “socação” como todos

aqui falam, surgiram quatro pilões, onde rapidamente socaram o arroz que foi transformado em bolo.

A jovem Marli Maria Bento que também vem se destacando como futura herdeira das festas de santo de seus pais conta sobre a preparação desse festejo como algo natural em sua vida e em conversa sobre a organização faz as seguintes narrações sobre a devoção que era de seus pais e agora passa a ser dela, caracterizando uma devoção familiar

Pra mim eu tenho muita fé em Nossa Senhora Aparecida creio que eles os meus pais tiveram muita fé para fazer uma devoção desse tamanho que é a nossa festa, que dá trabalho isso dá, piorou nós que somos donos da casa, tem que dar atenção e trabalhar muito mais do que quem vem para ajudar, e pra mim é uma devoção também junto com eles, pois se eles fizeram que tem que rezar tem que fazer isso, é uma fé que nós temos em Nossa Senhora Aparecida, ela mesmo ajuda nós, parece que eu não sei mais ficar sem fazer essa festa nenhum ano e tenho certeza que eles também não, que quando vai chegando perto da data da festa eles já vai pensando nós temos que fazer isso, aquilo, chamam os irmãos mais velhos para conversar com eles como que vai ser feito, o que teremos que fazer antes do dia da festa. (Marli M. Bento, filha de festeiro, entrevista realizada em setembro de 2016).

A organização dos festejos foi se configurando como processos coletivos de transmissão de saberes onde todos realizam aprendendo, os preparativos são todos feitos de forma artesanal os fogões que cozinham os alimentos são produzidos alguns dias antes, e sempre de forma coletiva, as mãos ágeis demonstram conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, na própria vida familiar e em comunidade assim como nesses momentos onde as comunidades se reúnem para firmar o compromisso com as nossas devoções e com as nossas tradições. O festeiro Senhor Osvaldo J. Bento exímio organizador das festas de santo narra como aprendeu sobre a prática de fazer os barracões de palha e também afirma que foi seu pai a pessoa que proporcionou esses saberes que utiliza até os dias de hoje em sua residência e nas casas onde é chamado para ajudar a organizar as festas de santo.

Eu aprendi com meu pai, nós tudo tempo nosso barraco sempre é só de palha mesmo, desde criança a gente vai vendo, até que agente aprende né, quando a gente separa já se quer dizer assim tirar a palha e risca, dobra, dobrar é para ele fica assim: dobra ele e penteia ele no chão, assim ajeitar ele, é bom para outro dia, aí outro dia cubre, aí que fica assim, assentado, bom aí tira cipó né, esse aí pra amarrar ou prego né, se quem queira no prego é no prego, só que no prego é ruim, que a paia acaba logo e para desmanchar é difícil demais né, no cipó é facinho pra desmanchar (Senhor Osvaldo J. Bento, festeiro, entrevista realizada em setembro de 2016).

Figura 26: Tacuru a lenha feito de casa de cupim



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

O senhor Osvaldo J. Bento demonstra dessa forma que organizar e preparar os elementos que compõe a festa de santo são como rituais que se repetem e que todos os anos realizam para a preparação onde quase sempre utilizam os mesmos elementos e as mesmas formas de preparar, às vezes mudando somente os locais, os tipos de alimentos que serão servidos, mas as preparações da procissão, da decoração, do altar continuam as mesmas, sendo sempre reproduzidas como os antigos moradores faziam, e juntos um ajudando o outro. E busco nos dizeres de uma das filhas do casal que realiza a festa de santo em honra a Nossa Senhora Aparecida a Josefa Bento que naquele momento tinha nas mãos rolos de linguiça caseira produzida pelas mulheres que se encontravam ali presente, e sobre as festas de santo ela fala que significa “A união da comunidade na fé, e na alegria de realizar uma festa tão significativa para nós católicos”. Dessa forma além de transmitir os saberes e os fazeres da preparação e devoção à moradora também acredita que a festa de santo tem como objetivo “unir as pessoas e comunidades pela devoção religiosa cristã” de onde se fortalecem repassando conhecimentos significativos para a conservação da cultura e da vida.

Por isso busco em Amaral (2007) sobre a educação informal, essa realizada nas comunidades, nas famílias, na vida coletiva de todos os grupos que trocam e vivem dessas experiências e que através dessas vivências, experiências e conhecimentos preservam seus costumes e suas tradições culturais e religiosas, pois são esses saberes e esses costumes que constitui a identidade de um grupo de um território. Assim segundo a autora:

Além de existirem cerca de 6 mil povos em contato distribuídos pelo planeta, há “subgrupos” que se diferenciam quanto a religião, estilos de vida, opções sexuais, ideologias políticas etc. Esse conjunto de diferenças dá lugar a uma variedade de visões de mundo, valores, crenças, práticas e tradições que constituem a identidade de cada povo e o esplendor de sua presença no planeta. Porque a diversidade cultural é um precioso conjunto de experiências e inteligências, imprescindível às complexas formulações e atuações em diversas áreas da vida, testemunhando sua singularidade e desenvolvimento histórico, pode-se pensá-la como um “código genético” que registra todo o potencial de evolução de uma sociedade (AMARAL, 2007, p. 53-54).

Dessa forma, não somente sobre a organização dos festejos religiosos, as comunidades também tiveram a necessidade de se constituírem de diferentes modos e jeitos para sua sobrevivência e seus saberes estão implícitos na agricultura passada de geração a geração, no uso das plantas medicinais nas curas e males do corpo, nos conhecimentos da construção das casas e matemática das medições, na oralidade das histórias, lendas e mitos preservados pelas rodas de conversa nas memórias dos mais velhos. E novamente Amaral (2007) explica que cada povo se configurou de diferentes formas, assim como essa população:

Além de idiomas particulares, cada povo desenvolveu distintas artes e mitos, conhecimentos sobre meio ambiente, técnicas de cultivo da terra, tecnologias, conhecimentos médicos e farmacológicos, diferentes modos de organização social, de parentesco, de trabalho e troca, estilos de relacionamentos, formas de religiosidade, de moradia, de vestuário, de alimentação, de transporte etc., constituindo-se em repositório vivo de saberes, fazeres e de entusiasmo criador. Assim, entre as mais importantes tarefas que se impõem às nações – como combater a miséria e a desigualdade social, garantir os direitos humanos, preservar o meio ambiente e outras –, há esta, bastante complexa (e estratégica, pois influi nas demais), de compreender os múltiplos pensamentos sociais. Isso implica, também, perceber e valorizar os múltiplos sentidos da diversidade cultural como força social e patrimônio de cada nação e da humanidade (AMARAL, 2007, p. 53-54).

A necessidade desses saberes sendo contextualizados na escola perpassa primeiramente pela valorização desses sujeitos de seu cotidiano de vida tornando-os atores principais como guardiões do patrimônio material e imaterial das tradições culturais quilombolas do território. Promover diversos encontros na escola com esses sujeitos tem sido base de sustentação para ressignificar essa educação escolar quilombola, onde homens e mulheres detentores de saberes construídos coletivamente raramente dialogavam sobre seus conhecimentos sobre a organização das festas de santo em outros espaços.

Brandão (1983) sobre o ato de aprender e ensinar descreve como esses atos são necessários para a sobrevivência de grupos humanos, assim:

Então as pessoas aprendem. Como ensinar-e-aprender torna-se inevitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber. Entre mundos e homens muito remotos, onde sequer emergira ainda a nossa espécie — o *homosapiens sapiens* — este é o primeiro sentido em que é possível falar de *educação* e de *educação popular*. As primeiras situações em que a convivência estável e a comunicação simbólica transferem intencionalmente tipos e modos de saber necessários à reprodução da vida individual e coletiva. O conhecimento técnico dos vários meios, então rudimentares, de lidar com o mundo da natureza; os códigos de regras de conduta que, ao mesmo tempo, constituem e preservam a ordem de pequenos mundos sociais; os repertórios de significados regidos por ideias e palavras, por símbolos e saberes que instauram e multiplicam os mundos simbólicos do imaginário do homem (BRANDÃO, 1983 p. 9-10).

Constato, assim, atividades desenvolvidas no decorrer do processo de realização da festa em honra a Nossa Senhora Aparecida, totalmente vinculadas a transmissão de saberes, a preservação e manutenção da identidade coletiva desses homens e mulheres que se fortaleceram e ainda se fortalecem pelas festas e nas festas de santo onde firmam um compromisso de fé e devoção aos santos de devoção, com uma intencionalidade de educar e de repassar seus costumes e seus saberes para manter suas tradições por meio dessa organização coletiva na comunidade.

Durante quase toda a história social da humanidade a *prática pedagógica* existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção. Ali os mais velhos *fazem e ensinam* e os mais moços *observam, repetem e aprendem*. Imersa no ritual: seja no enterro de um morto (os homens do paleolítico superior já faziam isto com todo o cuidado), num rito de iniciação, ou em outra qualquer celebração coletiva, as pessoas cantam, dançam e representam, e tudo o que fazem não apenas *celebra*, mas *ensina*. E não ensina apenas as artes do canto, da dança e do drama. Ritos são aulas de codificação da vida social e da recreação, através dos símbolos que se dança, canta e representa da memória e da identidade dos grupos humanos” (BRANDÃO, 1983, p. 10).

O senhor Zacarias festeiro da festa de Nossa Senhora da Guia também que em outros tempos quando ainda era rapaz que essa coletividade para se organizar e festejar as festas de santo era assim mesmo o tempo todo, e relembra que naquela época todas as pessoas das comunidades até as que vinham de muito longe não tinham emprego formal sobreviviam de sua própria produção de seu próprio suor, e que hoje a maioria é de empregados formais e que isso contribui para que os festejos tenham que ser somente nos fins de semana e com muito menos dias das festas de outrora.

Todos ajudavam a organizar uns chegava adiantado três quatro dias outros chegavam na véspera da festa era desse jeito era muito bonito agora hoje que está assim bem cedo todo mundo já vai embora mas também nesse tempo ninguém trabalhava de emprego pra ninguém trabalhava por conta trabalhava por conta não tinha nada de emprego vinha e voltava hora que quisesse ninguém estava nem ai todo mundo fazia trabalhar na roça agora hoje não todo mundo tem seu emprego e se perder ele perdeu (Senhor Zacarias da Gama, festeiro. *(entrevista realizada em Setembro de 2016)*).

Observamos que as festas de santo representam a continuidade das tradições familiares realizadas por meio das devoções, ondem celebram e transmitem os saberes desses fazeres das festas de santo. Nesses momentos estão presentes os mais velhos, jovens e as crianças, envolvidos com as tarefas que são exigidas para a realização das festas, em todos os momentos da organização era possível observar esse coletivo de pessoas com idades tão diferentes, uns ensinando os outros, trocando experiências e saberes, mantendo os costumes e a tradição de seus familiares pela identificação da cultura de seus antigos, mesmo estando distantes a identidade dessa população os fazem retornar ao seu território as suas famílias a mesmas festas de santo realizadas todos os anos.

Por isso foi tão comum à presença de jovens e crianças desde as mais simples até as mais complexas atividades realizadas pelos festeiros e todos que ali se encontravam presentes, sempre junto a um adulto, haja vista que isso faz parte da vida em comunidade, o fazer das festas de santo vai sendo praticado e preservada coletivamente com todos partilhando de uma mesma tradição identitária.

E Hall (1998) sobre essas identidades dialoga que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” sempre “sendo formada”. (HALL, 1998, p. 38).

E não é difícil perceber essa identidade coletiva principalmente no processo de organização das festas de santo, onde todos se comprometem com essa “fazeção coletiva”, pois, observo o que o entrevistado Rafael Bento diz:

E falando em festa de santo então o meu avô ele já fazia a festa de São José, uma que é do santo padroeiro da comunidade São José, então já é uma tradição, uma devoção que eles têm o pai do meu avô que já fazia essa festa, aí passou para meu avô, aí depois que o meu avô faleceu, meu pai e os irmãos deles fizeram o compromisso de está fazendo as festas todos os dias dezanove de março, então a festa de santo está presente na minha vida desde época então do meu avô, aí é uma coisa que vai passado de geração para geração, então eu não me lembro de qual foi a primeira festa que eu fui já cresci participando das festas de santo (Rafael Bento, filho de festeiro, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

Assim como o Rafael todas as pessoas entrevistadas citam que as festas de santo já existiam em suas vidas desde antes de nascerem e que seus familiares realizam esses festejos por fazer parte de sua vida, de sua cultura de sua devoção.

E recorro em Munanga (2012) sobre identidade dizendo que:

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc. Com os quais eles mantem relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática. Todos nós, homens e mulheres somos feitos de diversidade. Esta, embora esconda também a semelhança, é geralmente traduzida em diferenças de raças, de culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade, etc. (MUNANGA, 2012, p. 4).

E novamente o entrevistado Rafael Bento faz essa ligação das festas de santo de seus antepassados com os que hoje desenvolvem essas tradições, ao afirmar que as festas de santo são como uma identidade deles e das manifestações realizadas por eles.

Falando sobre a importância da festa de santo para nossa comunidade, que hoje são as cinco comunidades da região do Vão Grande, então é uma comunidade remanescente do quilombo, é a importância de uma forma de uma identidade, por que hoje para você, qualquer pessoa ou qualquer lugar tem que se definir por alguma coisa, então a nossa região ela é conhecida e representada por esses costumes, por essa cultura[...]se não tiver um histórico, algo que define ela, então que define a nossa comunidade, que define a nossa história são essas manifestações culturais. (Rafael Bento, filho de festeiro, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

Essa identidade na qual o entrevistado faz referência está ligada aos costumes, as manifestações religiosas que estão presentes em sua vida e na vida dos moradores do território, pois, acredita-se que são as manifestações religiosas que determina essa identidade como

remanescente de quilombo existente no território e nas comunidades, e que os fazem compartilhar dos mesmos costumes e tradições.

Figura 27 - Preparação da Bandeira



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 24 - Preparação do altar



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Nesse momento essas duas fotos demonstram o encontro de três gerações avó, nora e neta realizando os preparos para a procissão, fazem a bandeira costurando na madeira o tecido branco com a imagem em papel simbolizando o santo de devoção, papeis de seda picotados e laços de fitas coloridas que serão colocadas nas bandeiras e após no mastro. As bandeiras assim como o altar vão surgindo das mãos dos reis, rainhas, juiz, juíza, capitão de mastro e alferes de bandeira, sempre com olhares atentos os jovens e as crianças que estão por perto vão ajudando e aprendendo. O mastro que também nesse momento já está sendo retirado, tem a necessidade de ser exatamente na mesma medida que a bandeira para que se encaixem. Assim como a construção do altar que a várias mãos vai ganhando cores e diversos significados, vai surgindo renascendo todas as vezes que se põem a cumprir sua devoção, a necessidade de agradecer por estar vivos, pela colheita, pela família como um símbolo de resistência coletiva.

Com olhar atento a mulher que ao longo dos anos é incumbida de fazer, organizar e decorar bandeiras e altares nessa comunidade demonstra agilidade e sabedoria ao transmitir seus conhecimentos a respeito da tradição de seus antigos familiares e que dizendo ela já veio desde antes dela nascer. Assim a força vital da comunidade culmina sempre nessas manifestações religiosas onde fervorosamente compactuam com as mesmas crenças e os mesmos costumes. Costumes esses que, para eles, move a vida em comunidade.

A dona Camila Bento que é juíza da festa supervisiona e dá seu toque em todas as etapas da decoração, e muito atenta sua bisneta com retalhos de tecidos linha e agulhas já faz

os primeiros arremates daquela história que com certeza se transformará numa sucessora dos costumes e das tradições de seus familiares, pois tem sido assim há mais de dois séculos. E aos poucos todo o ambiente ganha esse colorido dos elementos da festa de santo, os lençóis e cortinas cobrindo as paredes de barro simbolizam a importância desse momento, o chão batido de barro, foi sendo moldado em anos de festejos onde os pés calçados ou descalços desenvolvem ao som e ritmos das danças de São Gonçalo, dos Siriris que ali passaram um pequeno espaço de histórias e memórias.

Os bancos encostados nas paredes demonstram sua idade na lisura de sua madeira e guardam marcas de tempo de festas passadas, a porta pequena e baixa com seu portal encerado pelo atrito das mãos e pés se abre nesse momento para os que vêm todo ano a convite dos donos para firmar e confirmar sua crença pela fé aos santos de devoção. Os mastros de lado de fora da casa de palha demonstram a quantidade de procissões que a família já realizou ao longo do tempo, pois depois de cumprir com a devoção e o mastro sendo retirado do local no dia seguinte a procissão, seu lugar será junto aqueles que já cumpriram com seu papel, deterioram ali num canto onde não serão mais utilizados até se desmanchar em restos de madeira podre. A senhora Camila Bento que nessa comunidade assume o compromisso de decorar o altar e todos os espaços da casa relembra as importantes festas de santo no território Vão Grande.

Aqui é Corpo Cristo, São Benedito e Santana ali no Osvaldo, Nossa Senhora Aparecida Maria também fazia festa de Senhor Menino lá no Salustiano na Camarinha, é de São Gonçalo lá no Baixio é São José lá do outro lado no compadre Chico é São Miguel e de Dionísio é de todos os santos tem de Zacarias que é Nossa Senhora da Guia e São Benedito tem de Udiva que é Nossa Senhora da Guia e São Bento que fazem a reza assim todo ano que são festejados e tem da Lindalva também que faz festa de Santa Luzia que são festejados todo ano e eu faço a festa de Santana que é festejado no segundo domingo de agosto (Senhora Camila Bento, festeira, entrevista realizada em Setembro de 2016).

Além dessas citadas existem as pequenas rezas que se diferenciam pela palavra “festão” aqui nas comunidades quando respondem que não é festão é só uma reza para o santo de devoção com uma pequena janta com capelões, cururueiros, altar, ladainha e São Gonçalo. Já essas citadas pela festeira são as festas herdadas pelos antigos moradores ou por alguma promessa ou bênção recebida, mas que requer muitos meses para organizar, e não é a toa quando alguns festeiros dizem que quando a festa está terminando já se começa a pensar na próxima, haja vista a necessidade daquele momento no último dia do desmanche assentar os reis, rainhas, juiz e juízas, capitão de mastro e alfares de bandeira para o próximo ano.

Dessa forma o ciclo das festas nas comunidades é praticamente ininterrupto se observar que depois dessa já inicia algumas organizações como escolher o porco para engorda, o gado para o abate ou já iniciar guardar dinheiro para a compra da carne, o plantio dos

alimentos que também são utilizados na semana da festa e ao longo do ano essas festas acontecem em diferentes comunidades do território.

A preparação dos alimentos requer mais tempo e atenção das pessoas e tudo basicamente é cronometrado e acredito que a prática da preparação dos alimentos servidos nas festas de santo fizeram dessas mulheres sábias cozinheiras nas preparações dos alimentos, elas vão confeccionando os alimentos de acordo com o tempo até chegar o momento da procissão mesmo tendo grande quantidade de alimentos e de pessoas para alimentar nada sai errado ou atrasado, pois cada qual tem a sua função, seu lugar para ajudar na preparação e organização dos festejos. A movimentação nas cozinhas, pois acabam por fazer vários lugares para cozinhar os alimentos, não tem intervalos de descanso, águas fervendo, óleo fritando, panelas subindo e descendo com variedades de alimentos, demonstra que a festa é um “festão” afinal um boi inteiro ou até mais é abatido para receber os convidados.

De acordo com Camila Bento que herdou de seus antigos familiares, a festa de santo entrou em sua vida por ser costume e devoção, assim ela conta que:

Meus pais faziam essas festas e aí eu cresci no meio e acabei aprendendo era da minha avó ela morreu e passou para meu pai. Ele fazia a festa de Santana e eu já fiz São Benedito que era de meu avô daí ele morreu aí João de comadre Juliana pegou fez durante dois anos aí ele parou eu comecei a fazer daí um ano ele fazia e no outro ano eu fazia [...] Há eu tinha uns 15 anos e ficava olhando como eles faziam e eu ia ajudando e ia aprendendo de tudo (Senhora Camila Bento, festeira, *entrevista realizada em setembro de 2016*).

Rafael Bento que também participa das festas de santo e agora assume a tradição familiar conta também que foi introduzido nos festejos de santo pelos seus pais, mas que já era uma tradição familiar antiga e que mesmo não ajudando nos preparos desde criança, diz que aprendeu por estar presente observando e vendo outras pessoas preparando as festas de santo.

Comparando com as festas de hoje, apesar de não ter muita mudança, mas pra mim, era mais divertido nessa época não tinha energia elétrica, era só vela, lamparina, não tinha som, como tem hoje a festa era só mesmo cururu e siriri e ladainha e nós brincávamos muito de rouba bandeira hoje mudou um pouco os atrativos das festas, mas continua as mesmas devoção e vejo as crianças tem outros tipos de brincadeiras nós íamos nas festas só pra brincar, pra se divertir e também era uma forma de ir observando e aprendendo as coisas e o que eu sei de festa de santo, ninguém não escreveu pra mim, aprendi vendo, perguntando e as coisas foram acontecendo e fui descobrindo mas era bom apesar de ir só pra brincar a gente aprende vendo porque tem festa aqui de janeiro a dezembro e a gente acaba indo em várias festas durante o ano e aí vai aprendendo (Rafael Bento, filho de festeiro, *entrevista realizada em setembro de 2016*).

As entrevistas me possibilitaram observar de que todos os festeiros e filhos de festeiros foram introduzidos nas festas de santo pela família como compromisso e devoção de algo considerado sagrado para todos os festeiros das comunidades que foram entrevistados.

Maria da Glória de Lima relembra como a família realizava as festas de santo e como aos poucos foi se tornando uma experiente festeira na comunidade.

Pois é, quando eu era criança era bem diferente de agora né? E de primeiro as festas durava muito era 4, 5 dias né de festa, então é desde pequena nós já sempre ajudava nas festas, é eu ia com minha mãe, minha mãe ajudava ai eu desde meus 7 anos eu já ia ajuda também trabalha fazer, como antes a gente ia ajuda fazer o doce, né ajuda fazer farinha, o bolo o biscoito tudinho a gente ia ajuda fazer e esse daí não ficava só para os adultos as criança tudo ajudava, ajudava faze ai depois da véspera da festa a gente que era criança né brincava muito mais sempre ajudando , sempre a gente ajudando o que os mais velhos pedia pra fazer a gente estava ali pronto pra fazer, ai a gente era assim, na minha adolescência no meu tempo. (Senhora Maria da Glória de Lima, festeira, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

Brandão (1983) explica sobre a dinâmica do trabalho coletivo

Quando o homem sabe e ensina o saber, é sobre e através das relações de objetos, pessoas e ideias que ele está falando. E é no interior da totalidade e da diferença de situações através das quais o trabalho e as trocas de frutos do trabalho garantem a sobrevivência, a convivência e a transcendência, que, no interior de uma vida coletiva anterior à escola, mas plena de educação, os homens entre si se ensinam-e-aprendem (BRANDÃO, 1983, p. 10).

É importante observar quando o autor diz que as trocas de frutos de trabalhos garantem a sobrevivência a convivência das pessoas, pois todos ensinam e aprendem no interior de uma vida coletiva anterior a escola, mas com funções educativas. E assim também são essas festas de santo protagonizadas nas comunidades pelos festeiros, pois a pratica de preparação das festas de santo vem sendo realizadas há muitos anos pelos moradores, são realizadas transferências de saberes, saberes esses que são imprescindíveis para a preservação dos costumes e das tradições nesses espaços.

Rafael Bento ao narrar sobre as festas de santo, aponta que os fazeres da preparação das festas são realizadas de forma natural, como se todos soubessem sua função desde as toadas que são cantadas nas festas, até a decoração que são feitas no altar.

Observando a forma como é preparado toda festa, as coisas acontecem de uma forma bem natural como a procissão o levantamento eles seguem um ritual as mulheres quando vão preparar as decorações das festa, já tem tudo na cabeça o que vão fazer os cantadores já sabem as toadas certas, pra beijar bandeira, pra chamar os promesseiros é de uma forma bem natural é bem legal eu gosto acho que as crianças e jovens que estão ali naquele momento vão criando um gosto por aquilo (Rafael Bento 32 anos, filho de festeiro, *entrevista realizada em Setembro de 2016*).

O mesmo entrevistado também cita que a preparação seja um ritual de preparação onde acredita que tudo já esteja gravado na cabeça das pessoas, como o levantamento do mastro, o momento de beijar a bandeira de chamar os promesseiros para todas as etapas da procissão.

A fim de compreender sobre esse ritual citado Rafael Bento, Silva (2008) salienta que:

Os rituais são caracterizados por uma configuração que abrange um espaço-temporal específico, envolvendo objetos, discursos, expressões, narrações, todos dotados de um sistema de linguagem, de comportamentos específicos e de signos emblemáticos cujo sentido se constitui um dos bens comuns de um grupo. Como se vê, os ritos e rituais fazem parte do processo civilizatório da Humanidade (SILVA, 2008, p. 5).

Dessa forma os rituais de preparação são, portanto, parte significativa e necessária para a manutenção dessas manifestações religiosas nas comunidades, pois contribuem com a preservação da cultura, dos territórios e da memória de um povo.

Faz-se necessário um aprofundar-se mais nesses processos de organização das festas de santo, onde existe a urgência em discutir e valorizar as manifestações religiosas nas comunidades quilombolas, haja vista essa necessidade imperativa de rediscutir a cultura quilombola em vários aspectos principalmente sobre as festas de santo no território Vão Grande na escola da comunidade. E por isso as festas de santo que também tem a função de agregar as comunidades que partilham da mesma devoção tem também o objetivo de educar, seja por meio dos elementos retirados da natureza, seja pela oralidade das preces e músicas, ladainhas e cururu seja pelas fazeções das decorações que compõe a procissão, altar, bandeiras e ambientes ou pelas danças das toadas que os fazem dançar o Siriri e o São Gonçalo, tudo isso para a preservação das manifestações religiosas das comunidades do território Vão Grande pelas festas de santo.

E Rafael Bento encerra sua entrevista deixando uma mensagem de grande significado para todas as pessoas das comunidades que compartilham da mesma tradição.

Então ali todos no momento do agradecimento eles agradece e pede também, agradece pela produção da sua roça e pede também pela proteção, para que a próxima plantação seja boa, também então nós moramos em uma região abençoada, por tudo que planta graças a deus, as pessoas vivem no local bem que quando se fala no quilombo é o lugar onde busca a tranquilidade e a liberdade, e nós graças a deus vive num lugar abençoado, água boa e um lugar com paz e alegria, então isso não é por o caso isso deve também a devoção, a esse compromisso, a essa fé que não pode passa despercebido pras pessoas, eu acho que é isso em todos os sentidos. (Rafael Bento, filho de festeiro, *entrevista realizada em setembro de 2016*).

Por isso Moura (2012) sobre festas em comunidades quilombolas explica

Assim, fica claro que o valor da terra para os habitantes das comunidades remanescentes de quilombo é diferente do valor da terra para os demais que exploram a atividade rural. Terra é patrimônio cultural, terra é plantar para sustentar a família,

terra é vida, terra é festa, terra é história dos antepassados, é religiosidade. Terra é tudo. (MOURA, 2012, p. 21).

Assim a compreensão de como o entrevistado fala da sua vida na comunidade, da tradição transmitida pelos mais velhos, demonstram que há realmente essa ligação da devoção presentes nas festas de santo com a vida nas comunidades do território, transformadas em saberes que educam e contribui com a preservação dos valores, costumes e da identidade quilombola no território Vão Grande pela festa de santo em honra a Nossa Senhora Aparecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que foi construída aponta que a educação quilombola sobrevive desse cotidiano vivido pelas comunidades quilombolas, das festas de santo, e todas as relações com o seu meio.

O percurso do segundo e terceiro capítulos contribuiu para que houvesse uma reflexão acerca da educação quilombola e educação escolar quilombola que também é peça importante e que está inserida dentro e fora desses espaços.

Dessa forma a pesquisa teve a perspectiva de demonstrar que dimensões educativas existem nas festas de santo e estão presentes no cotidiano dos moradores, com múltiplas possibilidades de preservação de saberes por intermédio dos fazeres no processo de organização dessas festas nas comunidades. As discussões sobre essas dimensões vieram sendo construídas e discutidas ao longo do quarto capítulo, elementos foram sustentados nesses fazeres que fortalecem uns aos outros numa identidade coletiva das tradições religiosas realizadas pelos moradores.

As festas de santo, que são as manifestações religiosas presentes nas comunidades do território são sem dúvida elementos ricos e carregados de significados que necessitam ser consideradas no currículo da educação escolar, como um modelo de educação que foi eficaz, pois ao longo do tempo cumpre com seu papel social de preservar e resistir.

A escola, que bem há pouco tempo se transformou em uma escola quilombola localizada no campo, e não apenas escola do campo vem aos poucos se apropriando dessas novas informações tanto no que diz respeito à legislação que a fez ser uma modalidade de ensino quanto nos conceitos dos funcionários que se deparam com esse novo desafio. A princípio nos chamou a atenção foi o mais importante acontecimento realizado nas comunidades: as festas de santos. Isso foi para nós professores o início de longas reflexões, visto que: preocupávamos com as faltas dos alunos na véspera das festas de santo realizada pelos moradores das comunidades no dia e dia seguinte, pois não havia ainda a compreensão sobre as manifestações religiosas e culturais das comunidades por parte da escola, e muito menos quando os moradores mais antigos vinham eles próprios pedir que nesse dia do santo não houvesse aula, com uma voz firme e educada que não deixava brechas para se opor ou recusar, caracterizando qual era a importância das festas de santo e da escola para os moradores das comunidades, houve a necessidade de entender todo esse contexto, na qual durante muitos anos não havia na escola um calendário que respeitasse as manifestações religiosas, as datas comemorativas das comunidades, a história e cultura local.

Hoje essa realidade vem mudando, as manifestações religiosas aos poucos estão fazendo parte dos trabalhos desenvolvidos na unidade escolar e permeando as práticas dos profissionais e tudo isso se deve a inúmeras formações, transformações e reflexões de conceitos dos próprios funcionários, do grupo gestor e do calendário da própria escola que passou a contemplar as datas festivas das comunidades, com isso aprendemos juntos a valorizar e respeitar a cultura da comunidade, em muitos momentos contribuindo com a revitalização e proporcionando novas vivências no contexto escolar, trazendo e dialogando todos esses conhecimentos produzidos pelas comunidades de diferentes formas e maneiras de ensinar e aprender, onde tanto a escola como as comunidades ensinam e aprendem, onde as festas de santo e todos os processos de organização da festa se transformam em práticas educativas que carece ser considerada pela educação formal realizada em nossas escolas e em todas as escolas localizadas em comunidades quilombolas, assim como fora delas.

E mesmo diante de todas essas mudanças citadas acima, de todos os trabalhos na escola realizados com os alunos serem voltados para esse reconhecimento e valorização, ainda assim serão necessários muitos esforços conjuntos para que cheguemos em um dia onde as práticas educativas nas comunidades esteja em consonância com as práticas educativas na escola para efetivamente termos uma educação escolar quilombola fortalecida pela cultura quilombola. Além do mais, pude verificar nos anos em que me encontro atrelada a essas manifestações religiosas das comunidades, que a ausência de uma política pública que reconhecesse, valorizasse e preservasse as manifestações religiosas e culturais existentes nesses espaços, denunciam uma total falta de interesse por parte daqueles que deveriam resguardá-los. Porém mais que ninguém tenho notado esse contraste de direitos garantidos em inúmeras legislações que foram criadas a partir das reivindicações da própria população quilombola, mas que raramente ou quase nunca são vistos implementadas nas comunidades quilombolas de Mato Grosso.

Dessa forma observo que inúmeras comunidades quilombolas do estado de Mato Grosso tiveram por um longo período deixado de realizar suas manifestações religiosas que aqui no território Vão Grande estão ligados diretamente a sua permanência em suas terras de origem, as suas plantações e saberes tradicionais, com as suas procissões e ladainhas por meio das devoções, com as transmissões de saberes nos momentos de organização das festas de santo. Com isso o que ocorre é a diminuição das práticas dos seus costumes, assim como das festas de santo que está intrinsecamente ligada à educação quilombola a sua identidade de grupo e a sua fé aos santos de devoção.

Compreendo dessa forma que a efetivação dessas políticas públicas que reconheçam as nossas manifestações religiosas e culturais do território Vão Grande e de outras comunidades quilombolas de Mato Grosso são com certeza um grande passo na valorização de uma população que mesmo em situações de abandono foi sustentadas com fé e pela fé.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará; Fund. Heinrich Boll, 2004.

BÂ, Amadeu H. **A tradição viva**. In: História Geral da África: Metodologia e pré-história de África. São Paulo: Ática/ UNESCO, 1982.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território Negro em espaço branco**: Estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**, Editora Brasiliense S.A- São Paulo/Brasil. 1983.

_____. **O que é educação**, Editora Brasiliense S.A- São Paulo/Brasil. 1981.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 4**, de 13 de julho de 2010. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824, 2010.

_____. **Parecer 16/2012 da CEB/CNE** – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, DF.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

CARVALHO, Francisca Edilza Barbosa de Andrade. **Educação Escolar Quilombola na Comunidade Baixo – Barra do Bugres/MT**: avanços e desafios/2016.

COSTA, Candida Soares. **Educações para as relações étnico-raciais**: planejamento escolar e literatura no ensino médio. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

COSTA, Candida Soares da; DIAS, Maria Helena Tavares; SANTOS, Zizele Ferreira dos. **Educação Escolar Quilombola**: Experiência sobre formação de professores em Mato Grosso (BRASIL). **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 90-106, fev. 2016. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/44>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas culturais: tradição, comidas e celebrações**. Artigo: I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – BA 2008.

DELGADO, L. A. N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25.

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. Histórias dos quilombos e memórias dos quilombolas no Brasil: revisitando um diálogo ausente na lei 10.639/031. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 5, n. 11, p. 05-28,

out. 2013. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/187>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: **aval. Pol. Públ. Educ.** Rio de Janeiro, v14, n 50, p. 27-38, jan. mar. 2006.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 16 n. 47, maio-ago. 2011.

_____. Educação não formal, Aprendizagem e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação-II**ª Série, número 1, 2014.

GOMES, Flávio. Histórias de Quilombolas: Mocambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro-século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

_____. **Histórias de quilombolas, mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX**. Ed. Rev. Ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015. (Col. Agenda Brasileira).

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **Histórias dos Quilombos e Memórias dos Quilombolas no Brasil**. In: Revista da ABPN ° v. 5, nº 11 jul.-out. 2013. P. 05-08.

GRANDO, Beleni. (org). **Corpo, Educação e Cultura: tradições e saberes da cultura mato-grossense**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-7. Ed.- Rio de Janeiro: DP e A, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLAND, Carolina. Gaeco faz operação contra fraudes em licitações na Educação de MT. Disponível em <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/05/gaeco-faz-operacao-contrasupostas-fraudes-em-licitacao-em-secretaria.html>>. Acesso em 07/06/2017.

JACCOUD, Luciana; BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental** – Brasília: Ipea, 2002.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas Etnográfica**, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Glória. **Festas dos quilombos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 184p. 21 cm.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude- Usos e Sentidos-Col. Negra e Identidades**. Editora Autentica 2012.

_____. **Superando o Racismo na Escola**. Ministério da Educação. Brasília-DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Educação Escolar Quilombola**. In: Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Cuiabá-MT: SEDUC, 2009/2010.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões e matrizes africanas: um diálogo necessário**. / 2. Ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

SANTOS, Zizele Ferreira. **Situações juvenis: juventudes e políticas públicas no quilombo morrinho em Poconé/m**. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

SILVA, Mariângela Benine Ramos. **Ritos, rituais e cerimônias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas**. Revista: NIC, Artigos- Edição nº 0-ano 1/2008.

SEDUC. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. **Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá-MT: SEDUC, 2009/2010.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. **O Projeto Político do Território Negro de Retiro e suas Lutas pela Titulação da Terra**. 2005. 396f. Dissertação (mestrado) –Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tópicos guia para ser utilizado com festeiros e moradores das comunidades Morro Redondo, São José do Baixio, Retiro do Território Quilombola Vão Grande

Nome:		Idade:	Escolarização:
Sexo: () F () M	Comunidade:	Profissão:	
1. Quais festas de santo são realizadas nas comunidades?			
2. Fale sobre as festas de santo, como são feitas as preparações da festa de santo?			
3. Como são organizadas desde o início as festas de santo na comunidade?			
4. Fale sobre as festas de santo realizadas nas comunidades de quando era criança e adolescente			

ANEXOS

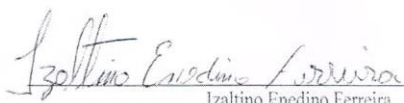
Estado de Mato Grosso
Barra do Bugres/MT
Comunidade Quilombola São José do Baixio

Ofício: 001/2016

Ao Programa de Pós-Graduação Em Educação-PPGE/UFMT

Os moradores da Comunidade Quilombola São José do Baixio, Barra do Bugres/MT, em atendimento a solicitação do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE da Universidade Federal de Mato Grosso e por entender a relevância da pesquisa, autoriza a mestranda **Maria Helena Tavares Dias**, orientanda da Prof.^a Dr.^a **Candida Soares da Costa**, a realizar sua pesquisa acadêmica, cujo tema é: **Entre Memórias e Narrativas dos Festeiros e das Festas de Santo Do Território Quilombola Vão Grande**, no período de agosto a dezembro de 2016, para qual, a mestranda poderá efetuar registros através de observação, audiovisuais, entrevistas e análise de documentos.

Comunidade Quilombola São José do Baixio, 10 de Junho de 2016.



Izaltino Eneidino Ferreira
Presidente da Associação Comunidade Quilombola São José do Baixio



ESTADO DE MATO GROSSO
PREFEITURA MUNICIPAL
DE PORTO ESTRELA



ALVARÁ

DE LICENÇA Nº 093/2.016

PARA: FUNCIONAMENTO

NOME FANTASIA: FESTA NOSSA SENHORA DA GUIA

NOME: ZACARIAS LEITE DA GAMA

ENDEREÇO: COMUNIDADE VÃOGRANDE, SÍTIO NOVO RETIRO

ATIVIDADE 1ª: REZA RELIGIOSA, BAILE E VENDA BEBIDAS.

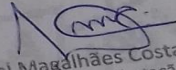
INSC. CPF: 453.711.211-53

RG: 045771-2 SSP-MT

RESTRIÇÕES: MANTER AFIXADO EM LOCAL VISIVEL

DATA: 06 de Setembro de 2.016

VALIDADE: 08 e 09 de Outubro 2.016.


Lourival Magalhães Costa
Coord. de Cadastro, Tributação
e Arrecadação
Portaria n.º 115/2014

LOURIVAL MAGALHÃES. COSTA
Chef. Dep. Cadastro e Tributos

Rec. 21/10
06/10/16 Loo

PORTO ESTRELA, 06 DE SETEMBRO DE 2016.

AO
EXELENTEÍSSIMO JUIZ DA INFÂNCIA DE JUVENTUDE
DA COMARCA DE BARRA DO BUGRES/MT

REQUERIMENTO

REQUERE ALVARÁ JUDICIAL DE FESTA

Eu, **ZACARIAS LEITE DA GAMA**, brasileiro, Casado,
portador do RG. Nº. 045771-2-SSP/MT e CPF Nº.453.711.211-53

Venho mui respeitosamente, através deste requerimento
requere o alvará judicial de Festa NOSSA SENHORA DA GUIA,
Que será realizada neste dias 08 e 9 de Outubro de 2016 no
município de Porto Estrela, na Comunidade Vão Grande, No
Sítio Novo Retiro, com início às 17:00 horas com termino às
22:00 horas do dia seguinte.

Onde Não Iremos cobrar entrada e Haverá Vendas de
Bebidas Alcoólicas.

ATENCIOSAMENTE

Zacarias Leite da Gama
ZACARIAS LEITE DA GAMA
CPF: 453.711.211-53
PRESIDENTE

Ofício 0001

Porto Estrela, 06 de Setembro de 2016.

Venho através do presente comunicar ao núcleo Da Polícia Civil DE Barra do Bugres , que neste **dia 08 e 09 de Outubro de 2016**, estará sendo realizada A FESTA DA NOSSA SENHORA DA GUIA, REZA RELIGIOSA, BAILE , que será realizada na comunidade Vão Grande, no município de Porto Estrela **Tendo início a partir das 17h00min E término 22h00min. Do Dia seguinte.**

Sendo que não será cobrado entrada, mas **Haverá Venda de Bebidas Alcoólicas .**

ATENCIOSAMENTE

Zacarias Leite da Gama
Zacarias Leite da Gama
CPF: 453.711.211-53
PRESIDENTE



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da **Constituição Federal de 1988**, **CERTIFICA que a Comunidade de Baixo**, localizada no município de Barra do Bugres, estado do Mato Grosso, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 004, Registro n. 349, fl. 56 nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Processo nº 01420.001.777/2005-26

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **04 de agosto** de 2005.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0106/(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomão)